

# O voto nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo: entre o municipal e o presidencial\*

Cesar Romero Jacob  
Dora Rodrigues Hees  
Philippe Waniez  
Violette Brustlein

## **Introdução**

**E**m artigo publicado em 2002 na revista ALCEU<sup>1</sup>, procurou-se mostrar a influência dos resultados das eleições municipais, no Brasil, sobre a eleição do presidente da República, que sempre ocorre dois anos após os pleitos locais. Esta análise permitiu ver como se articulam esses dois níveis de eleição, através de um sistema de alianças locais complexas, sem o qual nenhum candidato à Presidência da República poderia esperar ser eleito.

Uma vez que a campanha para as eleições municipais de 2004 já está em curso, parece útil trazer ao leitor alguns elementos novos para uma melhor compreensão do processo eleitoral nas duas principais cidades do país: São Paulo e Rio de Janeiro. Em relação ao artigo publicado em 2002, trata-se, de uma certa maneira, de retomar aquela questão, questionando-se não mais o peso do nível local em relação ao nacional, mas analisando a influência da política nacional na eleição dos prefeitos dessas duas metrópoles.

Para responder a esta questão, decidiu-se explorar dois aspectos do processo eleitoral. O primeiro diz respeito à vida política propriamente dita, através da reconstrução da história eleitoral de São Paulo e do Rio de Janeiro, no período de 1996 a 2002. O método aqui utilizado baseia-se amplamente na cartografia dos resultados das eleições, por zonas eleitorais, a fim de se identificar as bases territoriais dos partidos. Pretende-se investigar, nas diversas áreas em que se dividem essas cidades, a correspondência ou não entre o voto partidário para prefeito e para presidente, em duas eleições municipais e em duas presidenciais que ocorreram nesse período.

Assim, uma das preocupações deste trabalho é procurar entender o descompasso entre as votações, em 1998 e 2002, do candidato a presidente pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio Lula da Silva, na cidade do Rio de Janeiro, e as votações dos candidatos do partido a prefeito, Chico Alencar, em 1996, e Benedita da Silva, em 2000. Como se sabe, Lula vem apresentando crescimento sistemático no Rio, o que pode ser visto, não só por suas votações em 1998 e em 2002, mas também pelos resultados anteriores de 1989 e 1994<sup>2</sup>. Apesar dessa trajetória ascendente de Lula, os candidatos do PT a prefeito não têm se beneficiado desse crescimento e o partido nunca conseguiu eleger o prefeito do Rio.

Situação similar acontece também na cidade de São Paulo, onde se verifica um descompasso entre as boas votações dos candidatos a presidente pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Fernando Henrique Cardoso, em 1998, e José Serra, em 2002, e o desempenho dos candidatos do partido a prefeito, José Serra, em 1996, e Geraldo Alckmin, em 2000. Os candidatos do PSDB a presidente têm tido ótimo desempenho na capital paulista<sup>3</sup>, mas os seus postulantes a prefeito nunca obtiveram aí sucesso eleitoral. Da mesma forma que o PT carioca, o PSDB paulistano nunca fez o prefeito da cidade.

O segundo aspecto do processo eleitoral tratado neste artigo diz respeito à *determinação* da escolha de um candidato em função das características socioeconômicas dos eleitores, colocando-se, então, a questão do *voto de classe*. Com este objetivo, pretende-se cotejar as escolhas políticas dos eleitores, nas eleições presidenciais de 2002, com indicadores socioeconômicos, como idade, sexo e educação, extraídos dos cadastros eleitorais dos Tribunais Regionais Eleitorais do Rio de Janeiro e de São Paulo<sup>4</sup>.

Assim, através de uma *abordagem ecológica* – que consiste em buscar, em espaços identificados por critérios mais ou menos complexos, escolhas eleitorais homogêneas, que se supõe dependam de características desses espaços – pretende-se estudar como se efetua o *casamento* entre o espaço social e os resultados eleitorais. Desse modo, a partir de um conjunto de informações, que reúnem resultados eleitorais e dados socioeconômicos, por zonas eleitorais, construiu-se um *indicador de diferenciação social*, a partir do qual se procuram as eventuais correlações entre esse *indicador* e o voto, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

## **I. As eleições na cidade do Rio de Janeiro**

O estado do Rio de Janeiro, desde o restabelecimento das eleições diretas para governador, há 22 anos, tem sido dominado por políticos que atuaram, durante longo tempo, no Partido Democrático Trabalhista (PDT). Assim, desde a vitória de Leonel Brizola em 1982, todos os governadores – com exceção de Moreira Franco, em 1986, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) – são oriun-

dos dos quadros do PDT: Brizola novamente em 1990, Marcelo Alencar (1994), Anthony Garotinho (1998) e Rosinha Garotinho (2002).

Após o auge do prestígio de Brizola – evidenciado pelas suas vitórias nas eleições para governador em 1982 e em 1990, pelo sucesso dos seus candidatos a prefeito em 1985 (Saturnino Braga) e em 1988 (Marcelo Alencar), e pela votação espetacular do próprio Brizola para presidente em 1989 – a sua força política começa a declinar. Tem-se então a fragmentação da *família brizolista*, nos anos 1990, com a saída do PDT de diversos líderes partidários, tais como: César Maia, em 1992, Marcelo Alencar, em 1994, e Anthony Garotinho, em 2001. Cada um desses líderes, ao deixar o partido, levou consigo uma parte da máquina pedetista.

A fragmentação da *família brizolista* no estado terá, naturalmente, repercussão nas eleições para prefeito e presidente da República na cidade do Rio de Janeiro, objeto deste estudo. Como se verá, o ingresso de César Maia, primeiro no PMDB e, mais tarde no Partido da Frente Liberal (PFL), assim como a filiação de Marcelo Alencar ao PSDB e de Anthony Garotinho ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), se refletirão não apenas no resultado das urnas, mas também na geografia eleitoral da cidade.

### *1.1. O desempenho dos candidatos a prefeito*

Um dos primeiros políticos de expressão a romper com o PDT foi César Maia, que, após ter ocupado o cargo de secretário de Fazenda nos dois governos Brizola (1983 e 1991), deixa o partido, em 1992, para se candidatar a prefeito pelo PMDB, contra a candidata de Brizola, Cidinha Campos, que não consegue ir para o segundo turno. Nessa etapa final, César Maia vence a candidata do PT, Benedita da Silva, iniciando um longo período de liderança política na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1996, César Maia, após trocar o PMDB pelo PFL, lança, como seu candidato, Luiz Paulo Conde, que obteve 40,3% dos votos no primeiro turno e vence no segundo, com 53,0% (Fig. 1 – ver Anexo de mapas ao final do artigo, página 157)). O mapa com as votações de Conde, por zonas eleitorais, mostra que os seus mais altos percentuais acontecem na Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema, Ilha do Governador, etc. (Fig. 2). No segundo turno, ele aumenta as suas votações nestas mesmas áreas e conquista eleitores de zonas próximas (Fig. 3).

O principal adversário de Conde nessas eleições, Sérgio Cabral Filho (PSDB), obteve 24,6%, no primeiro turno, e 47,0%, no segundo, tendo as suas mais altas votações em bairros da Zona Oeste, como Santa Cruz e Bangu, e da Zona da Leopoldina, a exemplo de Olaria (Fig. 4). No segundo turno, ele permanece bem votado nessas mesmas áreas e amplia as suas votações em espaços vizinhos (Fig. 5).

As candidaturas de Conde e Sérgio Cabral traduzem, na verdade, uma disputa entre o prefeito César Maia (PFL) e o governador Marcelo Alencar (PSDB), ambos oriundos dos quadros do PDT, tratando-se, portanto, de uma luta política entre ex-membros da *família brizolista*.

Durante o governo Conde (1997-2000), César Maia rompe com o seu antigo *afilhado* político, troca o PFL pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e se torna o seu principal adversário na disputa pela prefeitura, em 2000. Nessas eleições, dá-se uma visível mudança na geografia eleitoral de Conde, com os seus mais altos percentuais deslocando-se da Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema e Ilha do Governador (Figs. 2 e 3) para os bairros em que Sérgio Cabral havia obtido, na eleição de 1996, alguns dos seus melhores percentuais, como Santa Cruz e Bangu (Figs. 6 e 7). Já César Maia reconquista em 2000 os seus antigos territórios eleitorais, quer dizer, Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema e Ilha do Governador (Figs. 8 e 9), que haviam dado a Conde os seus melhores percentuais na eleição anterior. César Maia vence as eleições com 51,1% dos votos, numa acirrada disputa, no segundo turno, contra Conde que obteve 48,9% (Fig. 10).

Da mesma forma que na eleição para a Prefeitura em 1996, a disputa em 2000 repete a situação de confronto entre membros dissidentes da *família brizolista*, protagonizada, desta vez, por César Maia e o Governador Anthony Garotinho, novo *padrinho político* do candidato Luiz Paulo Conde.

Brizola, apesar de enfraquecido com a saída do PDT dos seus correligionários César Maia e Marcelo Alencar, lança, em 1996, Miro Teixeira como candidato do seu partido à Prefeitura. O mapa de Miro mostra que as suas maiores votações ocorrem em áreas do centro da cidade (Saúde, Gamboa e Santo Cristo), bem como Catumbi, Rio Comprido e São Cristóvão, além de Bangu e Santa Cruz (Fig. 11).

Em 2000, é o próprio Leonel Brizola que se lança candidato a prefeito do Rio, quando apresenta um mau desempenho, muito diferente de sua espetacular votação para governador em 1990. O mapa de suas votações em 2000 apresenta, no entanto, uma enorme semelhança com o de Miro Teixeira, na eleição de prefeito em 1996, revelando que parte da máquina pedetista nessas zonas eleitorais continuou fiel ao seu antigo líder (Fig. 12).

Ao contrário dos mapas de Miro e Brizola, muito semelhantes entre si, os candidatos do PT, Chico Alencar, em 1996, e Benedita da Silva, em 2000, apresentam uma distribuição de votos na cidade muito diferente (Figs. 13 e 14). Assim, enquanto Chico Alencar obtém suas melhores votações em bairros da Zona Sul, como Laranjeiras e Botafogo, e da Zona Norte, a exemplo da Tijuca, Maracanã e Vila Isabel, Benedita alcança seus mais elevados percentuais em bairros da Zona Oeste, como Santa Cruz, Campo Grande e Bangu.

Possivelmente, essas diferenças são decorrentes da base social dos candidatos, pois, enquanto Chico Alencar tem seu apoio em bairros de *classe média*, Benedita tem seu reduto eleitoral em áreas mais *populares* da cidade. Pode-se aventar também uma outra hipótese: sendo Benedita adepta da Assembléia de Deus, ela poderia ter contado com o apoio dos pastores das igrejas evangélicas pentecostais que se localizam, sobretudo, na Zona Oeste *pobre* da cidade<sup>5</sup>.



## 1.2. O desempenho dos candidatos a presidente da República

Na primeira eleição direta para presidente, em 1989, Brizola foi o candidato mais votado no primeiro turno, na cidade do Rio de Janeiro, quando atingiu a marca de 50,0% dos votos. Apesar desse desempenho espetacular, percebe-se, ao longo dos anos 1990, uma trajetória declinante do líder máximo do PDT. Assim, Brizola obtém apenas 9,8% dos votos na campanha presidencial de 1994, no município do Rio; conforma-se com a posição de candidato a vice-presidente na chapa encabeçada por Lula, em 1998, e na eleição de 2002 se limita a apoiar o candidato a presidente, Ciro Gomes, do Partido Popular Socialista (PPS), que obteve somente 10,5% dos votos, na cidade.

Este declínio é decorrente, em parte, da fragmentação da *família brizolista*. Como se sabe, na eleição presidencial de 1994, o prefeito César Maia e o candidato a governador, Marcelo Alencar (PSDB), vão compor a base de sustentação eleitoral de FHC no Rio, o que permitiu ao postulante *tucano* obter 47,0% dos votos, desempenho muito diferente do de Mário Covas que em 1989 obteve somente 11,6%.

Esta mesma situação de apoio do então governador Marcelo Alencar e do ex-prefeito César Maia se repetiu em 1998, o que contribuiu para que FHC alcançasse 40,0% dos votos (Fig. 15). A distribuição dos seus percentuais mostra que ele obteve boas votações em diversas áreas da cidade, o que expressa os diferentes apoios recebidos: tanto de César Maia, cuja base eleitoral se encontra principalmente na Barra da Tijuca e em bairros da Zona Sul, quanto de Marcelo Alencar, cujo reduto eleitoral se concentra em bairros da Zona Oeste, como Santa Cruz (Fig. 16).

O mesmo desempenho de FHC não foi conseguido, em 2002, pelo candidato do PSDB, José Serra, que obteve apenas 10,7% dos votos, resultado muito inferior ao do seu correligionário *tucano*, em 1998. Analisando-se a distribuição de suas votações pelas zonas eleitorais da cidade, observa-se que o candidato do PSDB apresenta seu melhor desempenho em bairros *ricos*, como Ipanema e Leblon, onde alcança percentuais acima de 25% (Fig.17). Além desses, ele se destaca ainda por votações superiores à sua média municipal no Flamengo e em Copacabana.

É nesses bairros da Zona Sul que Serra perde menos em relação aos resultados de FHC, em 1998, uma vez que ele apresenta percentuais inferiores aos do ex-presidente em todas as zonas eleitorais da cidade (Fig. 18). Chega mesmo a registrar diferenças negativas de mais de 30 pontos percentuais, tanto em bairros de *alta classe média*, como a Barra da Tijuca, quanto em bairros *populares* da Zona Oeste.

O mau desempenho do candidato na Zona Oeste decorre certamente das boas votações obtidas por outro membro dissidente da *família brizolista* nessa área, o ex-governador Anthony Garotinho. Assim, Serra não contou, aí, com a máquina eleitoral das igrejas pentecostais, que, nessas eleições, deu o seu apoio a Garotinho, diferente do que havia feito, em 1994 e 1998, sustentando FHC.

Ao contrário dos candidatos *tucanos*, Lula apresenta uma trajetória ascendente na cidade. A sua geografia eleitoral revela, no entanto, nas duas últimas eleições presidenciais, fortes alterações em função das alianças políticas realizadas pelo candidato. Desse modo, em 1998, os percentuais mais altos obtidos por Lula ocorreram, sobretudo, em bairros *populares* do Centro da cidade e da Zona Oeste, em decorrência de acordos políticos feitos com Brizola, que tinha nessas áreas os seus redutos eleitorais mais importantes (Fig. 19).

Cabe lembrar ainda que, além da chapa Lula-Brizola para presidente e vice-presidente da República, compunham a aliança PT-PDT, em 1998, os candidatos evangélicos a governador, Anthony Garotinho, e a vice-governador, Benedita da Silva. Como se sabe, a Zona Oeste, além de tradicional reduto eleitoral do *brizolismo*, é também a área que apresenta os percentuais de população evangélica pentecostal mais elevados da cidade.

Já em 2002, o padrão das votações de Lula muito se altera, pois os seus maiores percentuais se deslocam da parte oeste para a parte leste da cidade (Fig. 20). Assim, são os bairros de classe média, como Laranjeiras, Maracanã e Vila Isabel, que deram, nessas eleições, as maiores votações para Lula, em torno de 55%. Essa mudança na sua geografia eleitoral se deve ao rompimento dos acordos entre o PDT e o PT, bem como ao apoio dos evangélicos pentecostais ao candidato Garotinho.

Em outros bairros de classe média da cidade, como Copacabana, as suas votações são um pouco menos elevadas, entre 45% e 50%, apesar do expressivo avanço de mais de 15 pontos percentuais, da eleição de 1998 para a de 2002 (Fig. 21). Chama a atenção, ainda, o crescimento do candidato de esquerda em bairros *ricos* da cidade, como Ipanema, Leblon e Barra da Tijuca, onde Lula registra igualmente aumentos superiores a 15 pontos percentuais, de uma eleição a outra.

Já no segundo turno, Lula vence de modo espetacular, ao registrar 81% dos votos (Fig. 22), superando, inclusive, o seu excelente desempenho do segundo turno de 1989, quando, com o apoio de Brizola, no auge do seu prestígio político, alcançou na cidade 73% dos votos válidos.

O crescimento dos percentuais de Lula no segundo turno traz, em relação ao primeiro, profundas mudanças na sua geografia eleitoral (Fig. 23). Assim, destaca-se a maciça votação obtida pelo candidato na Zona Oeste, nos subúrbios da Central do Brasil e da Leopoldina, ao contrário do primeiro turno, quando o candidato do PT obteve seus melhores percentuais em bairros de classe média das Zonas Sul e Norte da cidade.

No entanto, apesar da votação espetacular obtida por Lula, no segundo turno, a transferência de votos dos quatro candidatos derrotados, que lhe declararam apoio, não foi completa, embora muito elevada. Desse modo, o mapa das diferenças entre as porcentagens que Lula poderia esperar e as que ele efetivamente obteve, no segundo turno (Fig. 24), mostra que a não-transferência de votos ocorre em toda a

cidade. Em bairros de classe média, como Copacabana e São Conrado, por exemplo, o eleitorado mais *conservador* que apoiou Ciro, não seguiu as suas recomendações de votar em Lula, provavelmente, porque o candidato do PT, mesmo em sua versão moderada, continuava sendo visto como um radical de esquerda.

Já nos bairros *populares* da Zona Oeste da cidade, apesar dos apelos de Garotinho, Lula também não conseguiu a transferência total de votos. Isto se deve, em grande parte, às divergências que se verificaram entre os evangélicos pentecostais, que, no segundo turno, se dividiram em relação aos dois candidatos: enquanto a Igreja Universal do Reino de Deus apoiou Lula, a Assembléia de Deus sustentou Serra.

Apesar de divididos entre Lula e Serra, no segundo turno, os evangélicos pentecostais apoiaram maciçamente, no primeiro turno, Garotinho, que alcançou excelente desempenho nos bairros da Zona Oeste e Norte do município (Fig. 25). Porém, as boas votações de Garotinho nessas áreas da cidade não devem ser atribuídas apenas ao apoio das igrejas pentecostais, mas também à conquista de parte da máquina brizolista, que aí concentrava o seu maior reduto eleitoral. De fato, Garotinho, ao se transferir para o PSB, em 2001, levando com ele boa parte da máquina partidária pedetista, conquista um território que, desde 1982, vinha se mantendo, de certo modo, fiel a Brizola, quando ele foi eleito, pela primeira vez, governador do Estado.

Com percentuais muito inferiores aos de Garotinho, Ciro Gomes se situou em quarto lugar no Rio de Janeiro, com 10,5% dos votos válidos, desempenho ligeiramente inferior ao de 1998 (Fig. 26), quando alcançou 12,6%. Suas melhores votações encontram-se em bairros de classe média da Zona Sul, como Copacabana e Botafogo, e da Zona Norte, como Tijuca e Maracanã (Fig. 27). Já nos bairros da Zona Oeste e do norte do município, o candidato do PPS apresenta os seus piores desempenhos eleitorais.

Em relação à sua votação em 1998, Ciro teve os seus percentuais ligeiramente aumentados na Barra da Tijuca, Ipanema e Copacabana, e reduzidos em áreas da parte leste da cidade (Fig. 28), onde Lula alcançou suas melhores votações. Apesar de Ciro ter tido o apoio do PDT, ele acabou sendo vítima da *agonia do brizolismo*, que nos últimos dez anos perdeu importantes líderes partidários. Por isso, o apoio de Brizola, que poderia impulsionar a candidatura de Ciro na cidade, na verdade, nada lhe acrescentou, já que ele teve os seus percentuais de votos reduzidos, de 1998 para 2002.

## **2. As eleições na cidade de São Paulo**

O estado de São Paulo tem sido dirigido, desde a volta das eleições diretas para governador, em 1982, por políticos que militaram no PMDB, na época da ditadura militar. Assim, desde então, todos os governadores do Estado são provenientes dos quadros do PMDB, ou do PSDB, que dele se originou: Franco Montoro (1982),

Orestes Quércia (1986), Luiz Antônio Fleury Filho (1990), Mário Covas (1994 e 1998) e Geraldo Alckmin (2002).

No entanto, apesar do prestígio do PMDB – evidenciado pelas vitórias dos seus candidatos nas eleições para governador em 1982 e 1986 – o partido acabou se dividindo, em 1988, com a criação do PSDB. Não obstante os políticos do PMDB/PSDB comandarem o Estado, os governadores desses partidos nunca conseguiram fazer com que os seus candidatos fossem eleitos prefeitos da cidade de São Paulo: FHC (1985), João Leiva (1988) e Aloysio Nunes Ferreira (1992), todos do PMDB; José Serra (1996) e Alckmin (2000), ambos do PSDB. Na verdade, a cidade de São Paulo tem sido administrada por políticos de outros partidos: Jânio Quadros (1985) do PTB, Luiza Erundina (1988) do PT, Paulo Maluf (1992) e Celso Pitta (1996) do Partido Progressista Brasileiro (PPB), e Marta Suplicy (2000) do PT.

Apesar de os candidatos do PSDB a prefeito não terem sido bem sucedidos em São Paulo, os postulantes *tucanos* à Presidência da República foram os mais votados na cidade: Mário Covas, em 1989, FHC, em 1994 e 1998. Interessa, então, investigar o aparente descompasso entre os bons desempenhos do PSDB para presidente e o seu insucesso nas eleições para a Prefeitura da cidade de São Paulo.

## 2.1. O desempenho dos candidatos a prefeito

A disputa política pelo controle do PMDB paulista entre o então governador Orestes Quércia (1987/90) e o ex-governador Franco Montoro (1983/86) levou um grupo de políticos de grande expressão no estado a criar, em 1988, o PSDB. Além de Montoro, integravam o novo partido Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Serra, entre outros. A partir daí, tende a haver um esvaziamento do PMDB paulista, apesar de Quércia ter conseguido eleger Fleury, como o seu sucessor, no governo estadual. O PMDB se enfraquece ainda mais, em São Paulo, quando FHC se elege presidente da República e Mário Covas se torna governador do estado, em 1994.

A partir de então há uma consolidação na capital de forças políticas que passam a disputar as eleições municipais – PPB, PT e PSDB – com territórios muito bem demarcados, o que pode ser visto através dos mapas de suas votações pelas 41 zonas eleitorais da cidade de São Paulo.

Em 1996, o então prefeito Paulo Maluf lança Celso Pitta como candidato à sua sucessão, que obtém 48,2% dos votos no primeiro turno e vence no segundo com 62,3% (Fig. 29). Observa-se que as zonas eleitorais onde Pitta alcança as suas maiores votações, tanto no primeiro turno quanto no segundo, se localizam na parte central do município, tais como: Vila Maria, Moóca, Ipiranga e Indianópolis (Figs. 30 e 31).

Já nas eleições municipais de 2000, o próprio Maluf decide disputar novamente a Prefeitura de São Paulo, obtendo 17,3% dos votos no primeiro turno e 41,5% no segundo (Fig. 32). Apesar de alcançar percentuais de votos inferiores ao do seu *afilhado político*, em 1996, as áreas que votaram majoritariamente em Maluf, em 2000, são praticamente as mesmas que deram as maiores votações para Pitta, no primeiro e no segundo turnos, configurando-se assim um território fiel ao PPB na cidade de São Paulo (Figs. 33 e 34).

O principal adversário do PPB na capital paulista, o Partido dos Trabalhadores, lançou como candidata ao governo municipal, em 1996, a ex-Prefeita Luiza Erundina (1989-1992), que obteve 24,5% dos votos no primeiro turno e 37,7% no segundo. As suas votações mais elevadas, no primeiro turno, se concentraram em zonas eleitorais localizadas na Zona Leste da cidade (São Miguel Paulista, São Mateus e Sapopemba) e na Zona Sul (Grajaú e Piraporinha). O mapa do segundo turno guarda grande semelhança com o do primeiro, apresentando naturalmente percentuais de votos mais altos (Figs. 35 e 36). Pode-se pensar que esses redutos eleitorais de Erundina estejam relacionados às suas proximidades com os municípios industriais do ABCD, localizados entre a Zona Leste e Sul da cidade de São Paulo, berço do PT.

Nas eleições municipais seguintes, realizadas em 2000, o PT lança Marta Suplicy como sua candidata, que obteve 38,1% dos votos no primeiro turno, saindo vitoriosa no segundo, com 58,5%. O padrão de suas votações em muito se assemelha ao de Erundina, embora se apresente um pouco mais ampliado espacialmente, uma vez que, além das Zonas Leste e Sul, ele avança pelo oeste da cidade (Fig. 37). No segundo turno há naturalmente uma expansão das áreas com maiores votações para a candidata petista (Fig. 38).

A terceira força política mais representativa na cidade, o PSDB, apresenta José Serra como o seu candidato às eleições de prefeito em 1996, que obteve apenas 15,6% dos votos, apesar do apoio do presidente FHC e do governador Mário Covas. As áreas que lhe deram as maiores votações situam-se na parte mais *rica* da cidade, que inclui bairros como Jardim Paulista, Pinheiros e Perdizes (Fig. 39).

Já nas eleições de 2000, o PSDB lança como seu candidato à prefeitura, Geraldo Alckmin, vice-governador de São Paulo (1999-2002). Mais uma vez, apesar do empenho do presidente FHC e do governador Mário Covas, o candidato do PSDB, com 17,2% dos votos, não consegue ir para o segundo turno. O mapa com a distribuição de votos de Alckmin revela um padrão muito semelhante ao do também *tucano* José Serra, nas eleições municipais de 1996, o que caracterizaria a existência de um território do PSDB na cidade (Fig. 40).

Além dos candidatos que representam os três grupos políticos mais importantes da cidade de São Paulo – PPB, PT e PSDB – postulantes de outros partidos, com menor densidade eleitoral, concorreram também às eleições de 1996 e 2000.

Assim, em 1996, Francisco Rossi, do PDT de Leonel Brizola, situou-se em quarto lugar, com 7,6 % dos votos. Apresentou maiores votações nas zonas eleitorais situadas a noroeste, leste e sul da cidade (Fig. 41), onde a presença de eleitores evangélicos é mais acentuada<sup>6</sup>. Vale lembrar que Rossi, apesar de ter se candidatado por um partido de esquerda, fez, na verdade, uma campanha com um discurso mais religioso do que político, o que explicaria seu melhor desempenho nessas áreas pentecostais da cidade.

Já em 2000, o PFL e o PSB foram os partidos que procuraram se viabilizar eleitoralmente, através das candidaturas de Romeu Tuma e Luiza Erundina, respectivamente. Tuma, que obteve 11,4% dos votos e se situou em quarto lugar, registrou suas melhores votações em zonas eleitorais localizadas no nordeste da capital, numa certa coincidência em relação às áreas que deram maiores votações a Paulo Maluf, a exemplo de Vila Maria e Penha de França (Fig. 42).

Ainda em 2000, Luiza Erundina, após trocar o PT pelo PSB, concorre novamente ao cargo de prefeito, quando recebe apenas 9,9% dos votos. O mapa de suas votações revela que Erundina alcançou melhores resultados no noroeste, leste e sul da cidade, num padrão muito semelhante ao de Marta Suplicy, na mesma eleição, ainda que com percentuais de votos mais baixos (Fig. 43).

As candidaturas de Marta Suplicy e Luiza Erundina expressam, na verdade, uma disputa entre partidos de esquerda (PT e PSB), assim como as candidaturas de Maluf e Tuma representam uma concorrência entre os partidos de direita (PPB e PFL) em São Paulo. Apesar do PSB e do PFL tentarem se viabilizar eleitoralmente, a disputa do segundo turno acabou se dando entre os dois partidos – PPB e PT – mais bem sucedidos nas eleições municipais paulistanas ocorridas desde 1985.

## 2.2. O desempenho dos candidatos a presidente da República

Nas eleições presidenciais de 1989, 1994 e 1998, os candidatos *tucanos* – Covas e FHC – apresentaram excelentes votações na capital paulista. Assim, Covas, em 1989, obteve o melhor desempenho na cidade, numa disputa que envolveu 21 candidatos a presidente. Da mesma forma, FHC foi o campeão das urnas na cidade, com votações consagradoras em 1994 e em 1998.

De fato, analisando-se o mapa com a distribuição dos votos de FHC em 1998, observa-se que o candidato apresenta excelentes resultados em praticamente todas as zonas eleitorais da cidade, mas é sobretudo em Pinheiros, Butantã, Jardim Paulista e Indianópolis que ele alcança as suas votações mais espetaculares (Fig. 44).

Já o candidato José Serra, em 2002, apesar de ter recebido uma boa votação na capital, no primeiro turno, apresenta um desempenho muito inferior ao de FHC, em 1998 (Figs. 45 e 46). No entanto, seu mapa revela que ele alcançou os melhores percentuais nos mesmos bairros em que FHC havia tido mais sucesso junto aos

eleitores, em 1998 (Figs. 47 e 48). Não obstante, quando se comparam as porcentagens de votos dos candidatos *tucanos* em 2002 e em 1998, constata-se que Serra perde em todas as zonas eleitorais da cidade em relação a FHC, chegando mesmo em algumas delas a recuar 33 pontos percentuais (Fig. 49).

O principal opositor dos candidatos do PSDB nas eleições presidenciais, na cidade de São Paulo, foi Luiz Inácio Lula da Silva, que teve os seus percentuais de votos muito ampliados das eleições de 1998 para as de 2002<sup>7</sup>. Os mapas de suas votações, nessas duas eleições, mostram que o candidato tem seus redutos eleitorais localizados, sobretudo, nas Zonas Leste e Sul da cidade (Figs. 50, 51 e 52). Ao se estabelecer a comparação entre os percentuais de votos recebidos por Lula na eleição de 1998 e na de 2002, verifica-se que o candidato conquista novos eleitores em todas as zonas eleitorais da cidade, na última eleição presidencial (Fig. 53). Porém é em Rio Pequeno, a oeste, e em Grajaú, no sul, que ele amplia mais as suas votações, chegando a crescer 16 pontos percentuais de uma eleição a outra.

A terceira força política presente na cidade de São Paulo é representada pelo PPB de Paulo Maluf. Na eleição presidencial de 1989, Maluf foi o segundo colocado na capital paulista, ao obter 24,2% dos votos, abaixo de Mário Covas, mas acima de Lula. Apesar do bom desempenho no município, Maluf se situou, no plano nacional, em quinto lugar naquela eleição.

Em 1994, o candidato do PPB à Presidência, Esperidião Amin, situou-se em sexto lugar, com 2,8% dos votos nacionais, e na capital paulista apresentou votação insignificante, apesar de Maluf ser o prefeito da cidade, nessa ocasião. Nas eleições de 1998 e 2002, o PPB não foi capaz de lançar candidatos à Presidência, limitando-se ao papel de uma força política local, que vinha sendo bem sucedida ao eleger Maluf, em 1992, e Pitta, em 1996, como prefeitos de São Paulo.

Ao contrário dos candidatos à Presidência pelo PSDB e PT, Ciro Gomes não tem bases eleitorais sólidas na capital paulista, o que pode ser percebido pelo seu fraco desempenho, em 1998, ao obter 6,9% dos votos, e em 2002, ao registrar 12,8%. Os mapas com as suas votações nessas duas eleições revela grande semelhança entre eles, pois, de modo geral, é nas mesmas zonas eleitorais que o candidato alcançou os seus melhores percentuais de votos (Figs. 54 e 55). O mapa com as diferenças entre as votações de 2002 e as de 1998 revela que o candidato amplia os seus percentuais em todas os bairros da cidade, mas é principalmente em Moóca, Santa Ifigênia e zonas limítrofes que ele cresce de forma mais acentuada (Fig. 56).

Da mesma forma que Ciro, Anthony Garotinho (PSB) não possui bases eleitorais consistentes na capital paulista. Apesar disso, o candidato obteve 13,8% dos votos na eleição presidencial de 2002, tendo sido mais bem sucedido em bairros das Zonas Leste e Sul, e em áreas do noroeste da cidade (Fig. 57). Convém observar que é também nessas zonas eleitorais que Luiza Erundina, então correligionária de Garotinho, recebeu as suas maiores votações na eleição para prefeito em 2000 (Fig.



43). Vale lembrar ainda que o bom desempenho do candidato socialista, em tais áreas, deve-se também ao apoio das igrejas evangélicas pentecostais, mais bem implantadas nessas partes da cidade<sup>8</sup>.

### **3. O voto e a geografia social das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo**

Analisar os resultados das eleições nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo é importante, não apenas em função do peso eleitoral dessas duas grandes cidades, mas também pela relevância de se conhecer a geografia do voto nessas metrópoles com tal grau de complexidade em sua estrutura interna. O enfoque geográfico permite identificar a repartição dos votos obtidos por cada candidato, detectar a sua implantação, mais ou menos demarcada no espaço, e conhecer a evolução de sua base territorial na sucessão das eleições. Um estudo deste tipo é certamente útil aos *estados-maiores* dos partidos e aos analistas do fato político, uma vez que ele permite compreender as razões do aparecimento, crescimento ou decadência deste ou daquele líder político ou partido.

De certa maneira, pode-se dizer que a geografia eleitoral é um meio de se compreender os processos políticos no interior do próprio sistema político. É exatamente o que já foi ressaltado em artigo sobre a influência das eleições municipais nas disputas presidenciais<sup>9</sup>, que ocorrem dois anos depois: sem uma boa implantação municipal, através de alianças entre partidos e chefes políticos locais, nenhum candidato, mesmo com grande prestígio, pode pretender se tornar presidente da República. Cabe perguntar, então, se, do mesmo modo, o apoio do presidente a um candidato a prefeito se constitui numa efetiva sustentação eleitoral.

A esse interesse da geografia eleitoral, se acrescenta, no caso das grandes aglomerações urbanas, a possibilidade de se estudar como se efetua o *casamento* entre o espaço social e a expressão democrática, vista através dos resultados eleitorais. Naturalmente, a análise de um tal *casamento* não é o único meio de se responder à pergunta fundamental: os eleitores, ao optarem por um candidato, exprimem uma escolha ligada à sua classe social, quer dizer, existe um *voto de classe*? Sabe-se que o voto não está ligado somente às características socioeconômicas dos indivíduos que o expressam, mas supõe também a existência de uma *consciência de classe* e está relacionado ainda à história dos indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem.

Por outro lado, os institutos de pesquisa de opinião procuram avaliar também a *clientela potencial* dos candidatos ou dos partidos, através de amostragens com base em características demográficas, sociais e econômicas dos eleitores. Mas não se deve esquecer que uma amostra não corresponde a um verdadeiro grupo social, solidamente estabelecido num território, no qual esse grupo é um dos principais elementos constitutivos. Assim, pode-se dizer que essas pesquisas produzem um modelo simplificado da escolha dos eleitores, e não da geografia dessas opiniões.



Tais considerações impõem ao pesquisador uma certa cautela, pois, sendo o voto democrático, por definição, secreto, torna-se difícil relacionar a escolha de um candidato por um eleitor com a sua *consciência de classe* ou, pelo menos, com as suas características socioeconômicas. Desse modo, recorre-se aqui a um método tradicional, amplamente utilizado pelo fundador da geografia eleitoral francesa, André Siegfried, que consiste em buscar nos espaços identificados, a partir de critérios mais ou menos complexos (meio natural, história, etc.), escolhas eleitorais homogêneas, que se supõe dependam de características desses espaços<sup>10</sup>. Esta abordagem *ecológica* dedica-se ao estudo dos comportamentos eleitorais, a partir de informações agregadas no âmbito das unidades espaciais.

O método *ecológico* tem sido criticado por suas fraquezas, pois, do ponto de vista teórico, o fato de dois mapas se assemelharem não esclarece, necessariamente, as causas que engendraram uma determinada configuração espacial. Isto significa dizer que dois atributos podem apresentar repartições geográficas semelhantes sem, no entanto, serem condicionados um pelo outro, mas sim estarem na dependência de outros fatores.

A questão do *erro ecológico* tem sido objeto de numerosos debates. Trata-se, na verdade, de um problema ligado às dimensões das unidades espaciais, que se traduzem pelos mesmos dados agregados, em margens mais ou menos amplas, numa grande instabilidade das medidas de correlação entre os atributos.

Por outro lado, a análise *ecológica* não considera adequadamente a autocorrelação espacial, que pode reforçar as medidas de correlação, uma vez que se trata, de fato, de um efeito ligado à vizinhança das unidades espaciais. Desse modo, qualquer pesquisa que vise estabelecer uma ligação entre os resultados eleitorais e os indicadores sociais exige do pesquisador um bom conhecimento de campo e um grande cuidado na apresentação dos resultados.

### 3.1. Geografia social do eleitorado do Rio de Janeiro e de São Paulo

Em relação a 1913, quando André Siegfried publicava seu *Tableau politique de la France de l'Ouest*, os cientistas sociais de hoje dispõem de instrumentos de análise muito mais eficazes do que os existentes no início do século XX. Alguns desses instrumentos, como a análise multivariada e a análise exploratória de dados, estão atualmente integrados em Philcarto, um *software* de tratamento de dados e de cartografia<sup>11</sup>. A partir de um conjunto de informações, que englobam dados socioeconômicos, construiu-se um *indicador de diferenciação social*, a partir do qual se procurou as eventuais correlações entre esse *indicador* e os resultados eleitorais.

Com esse objetivo, utilizaram-se as informações dos Tribunais Regionais Eleitorais do Rio de Janeiro e de São Paulo, derivadas dos seus cadastros, como: sexo, data de nascimento e nível de educação, que são registradas por ocasião da inscrição

dos eleitores<sup>12</sup>. Dispõe-se desses dados para as 97 zonas eleitorais do Rio de Janeiro e as 41 de São Paulo.

É bom lembrar que esses dados estão longe de permitir uma análise detalhada da estrutura social dessas cidades, tanto no que diz respeito à dimensão muito extensa da malha geográfica das zonas eleitorais, quanto em relação às características registradas nos cadastros. Em contrapartida, esses indicadores são relativamente sintéticos, na medida em que podem dar uma boa imagem da estrutura demográfica da população e, sobretudo, porque o nível de educação se apresenta muito correlacionado com outras características socioeconômicas, como o rendimento, por exemplo.

Poderia tentar-se recalcular certos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), muito mais ricos do ponto de vista socioeconômico, no âmbito das zonas eleitorais, a partir dos setores censitários. Uma tal investigação parece, no entanto, infrutífera, considerando-se a *rusticidade* com que são delimitadas as zonas eleitorais. Numa pesquisa posterior, talvez fosse preferível adotar uma malha mais detalhada e utilizar os dados eleitorais com base nas seções de votação, desde que cada seção corresponda exclusivamente a uma unidade geográfica.

### 3.1.1. Estrutura por idade

Para as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, o tratamento de dados socioeconômicos resultantes dos cadastros eleitorais permitiu elaborar mapas sobre três diferentes características do eleitorado: idade, sexo e educação. O mapa da estrutura por idade foi realizado a partir do diagrama triangular, cujos eixos correspondem a três grupos de idade: 16-30 anos, 31-60 anos e 61 anos e mais, para o Rio de Janeiro, e 16-34, 35-59 e 60 anos e mais, para São Paulo (Figs. 58 e 59). As diferenças na delimitação dos grupos de idade, entre uma cidade e outra, se devem aos dados disponíveis.

Cada zona eleitoral corresponde a um ponto no gráfico trivariado e esses pontos são, em seguida, agrupados por um algoritmo de classificação, a fim de se estabelecer os tipos a serem mapeados (6 para o Rio de Janeiro e 4 para São Paulo). Esta diferença no número de tipos se explica pela quantidade de zonas a serem agrupadas: duas vezes maior no Rio de Janeiro do que em São Paulo. A sucessão de tipos no diagrama triangular, da esquerda para a direita, expressa o rejuvenescimento progressivo da estrutura por idade do eleitorado.

Assim, em São Paulo, o tipo 4 corresponde às zonas eleitorais onde os jovens possuem um peso relativamente elevado, no conjunto do eleitorado: 55% com menos de 35 anos, em média. Já no Rio de Janeiro o tipo 6 contém 41% de eleitores com menos de 31 anos. Essas porcentagens podem ser lidas nos diagramas em setores de

cada tipo. Reciprocamente, o tipo 1 é aquele onde a estrutura por idade dos eleitores se mostra mais envelhecida: 20% com 60 anos e mais, em São Paulo, e 27% com 61 anos e mais, no Rio de Janeiro.

O mapa da estrutura por idade dos eleitores de São Paulo apresenta uma nítida estrutura concêntrica: a parte central do município, que compreende bairros como Bela Vista, Perdizes, Santa Ifigênia e Moóca, apresenta as proporções mais fortes de eleitores mais velhos, enquanto a periferia revela a existência de eleitores mais jovens, a exemplo de Grajaú, no sul, Brasilândia, no norte, e Guianases, no leste.

No Rio de Janeiro, a estrutura espacial se apresenta mais complexa, principalmente em função da implantação da cidade a partir do litoral e do seu desenvolvimento histórico. É em bairros da Zona Sul (Flamengo, Copacabana e Ipanema) e da Zona Norte (Tijuca e Maracanã) que se encontra o eleitorado mais velho. Já a presença de jovens se verifica nos espaços de ocupação mais recente, como Barra da Tijuca, ao sul, Guaratiba e Santa Cruz, a oeste, e Ilha do Governador, ao norte. No Rio, tem-se também uma organização da estrutura por idade em função das etapas do crescimento urbano: os idosos dominando a parte de ocupação mais antiga da cidade, os adultos a primeira coroa periférica e os jovens os espaços mais longínquos do centro.

### 3.1.2. Estrutura por sexo

Para dar conta da proporção maior ou menor da presença masculina ou feminina nessas cidades, recorreu-se à taxa de masculinidade, que expressa o número de eleitores homens para cada 100 eleitores mulheres. Atinge-se o equilíbrio quando essa taxa corresponde a 100 (100 homens para 100 mulheres). Quando ela é inferior a 100, expressa uma superioridade do número de mulheres, enquanto acima de 100, revela um predomínio de homens.

Em São Paulo, a taxa de masculinidade apresenta também uma clara estrutura concêntrica: as mulheres são muito mais numerosas no centro do que na periferia, ainda que, aqui ou ali, algumas zonas contrariem esta afirmação. Sabe-se também que nunca se atinge o equilíbrio homem/mulher num eleitorado com um nítido predomínio de mulheres. A estrutura espacial se apresenta do mesmo tipo no Rio de Janeiro: o eleitorado da Zona Sul e o da Zona Norte mostram a superioridade do número de mulheres, enquanto o da Zona Oeste e o da área portuária do centro da cidade revelam a supremacia do eleitorado masculino (Figs. 60 e 61).

A diferenciação espacial do peso do eleitorado feminino se explica por diversos fatores. Em primeiro lugar, pela idade da população, pois, as mulheres vivem mais tempo do que os homens. É normal, portanto, que as zonas eleitorais com eleitores mais idosos sejam também aquelas que se caracterizem pelo predomínio feminino. Em segundo lugar, os empregos domésticos são procurados principal-

mente por mulheres e, nas zonas onde os *serviços às pessoas* se destacam, chega-se a uma superioridade de mulheres, uma vez que, freqüentemente, as empregadas vivem em casa de seus patrões.

Tem-se aqui uma característica mais geral da população brasileira: quanto mais acentuada a urbanização, maior é a participação das mulheres no total da população, uma vez que a cidade se apresenta como fator de atração, devido às múltiplas possibilidades que ela parece oferecer, mesmo aos mais desqualificados.

### 3.1.3. Níveis de educação

Assim como na repartição por idade, os eleitores foram divididos em três grupos, em função do seu nível de educação: inferior ao primeiro grau (analfabetos e *lê e escreve*), primeiro grau (completo ou incompleto), e segundo grau e superior (completo ou incompleto). Em função de sua posição no diagrama triangular, as zonas eleitorais foram divididas em grupos (6 para o Rio de Janeiro e 4 para São Paulo), caracterizados pelo nível escolar, mais elevado ou menos, dos seus eleitores (Figs. 62 e 63).

O grupo 1 reúne as zonas eleitorais mais favorecidas (37% de eleitores com nível superior, em São Paulo, e 26%, no Rio de Janeiro). Ao contrário, o grupo 4, menos favorecido, conta em São Paulo com apenas 3% de eleitores com nível superior e 4% de analfabetos, enquanto o grupo 6, no Rio de Janeiro, apresenta 3% de eleitores com nível superior e 3% de analfabetos. Pode-se observar, então, que do grupo 1 ao 4, em São Paulo, e do grupo 1 ao 6, no Rio, tem-se um gradiente que exprime a diferenciação espacial dos níveis médios de educação do eleitorado.

A estrutura espacial dos níveis de educação segue um esquema semelhante ao dos indicadores anteriormente analisados: a parte central do município aparece sempre mais favorecida do que a periferia, e uma organização em forma de anel é clara, sobretudo em São Paulo, mas também no Rio de Janeiro, ainda que um pouco deformada em razão da história do seu crescimento urbano.

### 3.1.4. Um modelo comum de organização do espaço social?

A recorrência do modelo de organização espacial em forma de anel, com base em três características sociais registradas nos cadastros eleitorais, por ocasião da inscrição dos eleitores, leva-nos à indagação sobre a origem de uma tal organização. Numerosos trabalhos têm se dedicado a estudar a geografia social urbana. Em sua síntese magistral, publicada em 1970, Brian Berry e Frank Horton relembram as principais tentativas de explicação teórica da diferenciação espacial das cidades americanas<sup>13</sup>.

No seu ensaio sobre *ecologia humana*, Robert Park estabelece uma analogia entre a ecologia das plantas e as sociedades urbanas, uma vez que o comportamento de diferentes grupos de interesse no seio das metrópoles é feito a partir da dominação de um grupo em espaços naturais ou funcionais, da invasão de áreas naturais, da sucessão de grupos uns aos outros, etc.<sup>14</sup>. A expansão da população urbana e a extensão das áreas urbanizadas provocam a formação de anéis concêntricos de movimentos migratórios, seletivos, intra-urbanos: a população instalada há mais tempo no centro da cidade deixa o seu bairro de origem para ir morar na periferia, onde ela pensa se beneficiar de uma melhor qualidade de vida. Ela é substituída, então, por outros habitantes, de nível social mais modesto, que não podem almejar outra coisa senão as habitações antigas e degradadas deixadas pelos primeiros.

Esses anéis são em seguida redivididos em pequenas áreas *naturais*, com base em critérios raciais, étnicos ou de tipo de habitação. Park ressalta, por outro lado, o papel das convenções, das leis e das instituições para regular esses diferentes movimentos, mas deixa sem explicação a questão das ligações eventuais entre comportamento e meio ambiente urbano. Nos casos do Rio e de São Paulo, cidades que apresentam uma estrutura em anel mais ou menos demarcada, poderia se pensar em encontrar nessa teoria a base de um sistema explicativo.

De fato, sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro se desenvolveu progressivamente a partir do seu núcleo histórico, pelo deslocamento das camadas mais favorecidas da população que abandonaram o centro para residir nas praias; inicialmente a Glória, depois Flamengo, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon e, hoje, a Barra da Tijuca. Acontece que atualmente todos esses bairros, apesar de suas diferenças sociológicas, são menos diferentes entre si do que em relação à periferia pobre.

Assim, mesmo que a repartição dos níveis sociais apresente uma configuração geométrica concêntrica, deve-se constatar que esse sistema explicativo, apesar de ter sido importante no período de expansão em direção à Zona Sul do Rio, não dá conta da estrutura socioespacial da cidade de hoje. Esta observação vale também para a cidade de São Paulo. É preciso, então, procurar outras explicações para as razões da atual organização do espaço social nas duas principais metrópoles brasileiras.

Como alternativa ao modelo de Park e com base numa cartografia detalhada de 142 cidades americanas, Homer Hoyt pôde afirmar que os bairros de alta e baixa renda não são dispostos em forma concêntrica, mas de maneira setorial<sup>15</sup>. A organização espacial dos diferentes níveis de renda depende de escolhas feitas pelos habitantes mais favorecidos, que preferem se instalar em locais com melhores vias de acesso, em zonas não inundáveis ou ao longo de rios, lagos e baías não utilizadas pelas indústrias poluentes. Apesar de reducionista, pois ela considera apenas o fator rendimento e não as características dos segmentos da sociedade que ocupam dife-

rentes setores, esta argumentação encontra forte eco no caso do Rio de Janeiro, onde os *ricos* ocupam precisamente a franja litorânea, deixando aos *pobres* os espaços alagados, inóspitos e industriais das áreas limítrofes com a Baixada Fluminense.

O interesse da abordagem *ecológica* no modelo setorial de Hoyt reside na hipótese da existência de uma competição entre grupos sociais, que empreendem uma mobilidade estruturadora do espaço urbano. No entanto, esse modelo leva pouco em consideração as decisões individuais e, ainda que o seu enfoque seja de natureza econômica, ele se preocupa pouco com os mercados imobiliários existentes. A abordagem comportamental se apresenta, então, como uma alternativa a esses modelos muito rígidos. Ela enfatiza uma questão fundamental que colocam os habitantes da cidade: *onde vou habitar?*

Pelo menos, três fatores devem ser levados em conta para se fazer uma escolha: o preço do aluguel ou da compra de uma residência, o tipo de habitação (casa individual ou imóvel coletivo), a localização em relação ao lugar de trabalho e ao meio-ambiente em geral. Assim, quando os indivíduos que apresentam características próximas, do ponto de vista econômico e familiar, entram em interação com o mercado imobiliário, seus comportamentos semelhantes provocam um filtro social, que exclui as pessoas que diferem deles (a exemplo dos habitantes de condomínios fechados) ou que se restringem a espaços desvalorizados (como os moradores de favelas).

Sem querer abandonar aqui o primado de um sistema explicativo por um outro, as constatações feitas, a partir dos mapas das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, destacam a importância da competição entre diferentes grupos de interesse na estruturação social dessas duas metrópoles. Deve-se observar que essas cidades mostram segregações do ponto de vista geográfico, uma vez que a proximidade do centro ou a qualidade do meio-ambiente do lugar de moradia são dois fatores decisivos nesse processo. Uma análise mais aprofundada necessitaria levar em consideração não somente o município central, mas também os municípios que compõem essas Regiões Metropolitanas, a fim de melhor circunscrever o espaço efetivo do crescimento urbano.

### 3.2. Geografia social e a Eleição Presidencial de 2002

Como se pôde observar, os mapas da estrutura por idade do eleitorado, de sua taxa de masculinidade e de seu nível de educação revelam uma configuração geográfica semelhante. Parece importante, a partir de agora, apresentar uma síntese, que será feita através da análise em *componente principal*. Este método permite reunir as correlações entre as diferentes variáveis consideradas e calcular um *indicador de diferenciação social* que, por sua vez, poderá ser correlacionado com os resultados eleitorais dos principais candidatos na eleição presidencial de 2002.

### 3.2.1. O fator de diferenciação social

Para o Rio de Janeiro, a análise em *componente principal* confirma a existência desse fator que representa 56,7% da inércia total das 12 variáveis consideradas<sup>16</sup>. Este fator exprime uma oposição entre a parte negativa, com as zonas eleitorais com eleitores de 61 anos e mais, e aqueles com 2º grau ou superior, em relação ao nível de educação; e a parte positiva, com as zonas eleitorais que apresentam nível de educação mais fraco, 1º grau ou inferior a este, e uma maior proporção de homens (Fig. 64).

Para São Paulo, a estrutura fatorial é semelhante, mas apresenta, no entanto, uma diferença, que é o poder mais elevado de explicação da inércia, 71,2%, o que se deve ao menor número de zonas eleitorais em relação ao do Rio. Além disso, em São Paulo, observa-se um papel pouco importante da taxa de masculinidade na formação do primeiro fator. Assim, uma zona eleitoral que adquire um valor negativo, no primeiro fator, poderá ser considerada como pertencente ao setor sociologicamente mais favorecido da cidade; reciprocamente, uma zona eleitoral situada no lado positivo caracterizará um espaço popular (Fig. 65). Entre esses dois extremos, qualquer posição intermediária é possível.

Os mapas do Rio e de São Paulo mostram a repartição geográfica das coordenadas fatoriais, em relação ao *fator de diferenciação social*, o que corrobora a leitura feita dos mapas que representam cada fenômeno.

### 3.2.2. O fator de diferenciação social como variável explicativa do voto

Dispondo agora de um *fator de diferenciação social* para as duas principais cidades brasileiras, uma série de regressões permite buscar as correlações com os escores obtidos pelos principais candidatos, na eleição presidencial de 2002, em cada um dos dois turnos. O modelo de ajustamento escolhido não é o da regressão linear, muito restritivo, mas o da curva de Lowess, mais adaptado quando os pontos do gráfico bivariado se alinham mal em relação a uma linha reta<sup>17</sup>. Assim como na regressão linear, a relação entre variância explicada/variância total se constitui num indicador global de força da relação, que deve ser o mais próximo possível do valor 1. Os diversos gráficos são agrupados em função da fisionomia geral da curva de Lowess (Figs. 66 e 67).

Para São Paulo, Lula (1º e 2º turnos) e Garotinho apresentaram uma forte correlação positiva com o *fator de diferenciação social* (0,87 no 1º turno para os dois candidatos e 0,88 no 2º turno para Lula). Isto significa que quanto mais as zonas eleitorais possuem uma estrutura social popular, melhor é a votação desses candidatos, e que essas relações são muito acentuadas. Ao contrário, Serra aparece como o campeão das zonas eleitorais mais favorecidas (0,89 no 1º turno e 0,88 no segundo).

Finalmente, a curva de correlação de Ciro se mostra mais nítida do que a dos outros candidatos. Na parte negativa do fator sociológico, que corresponde às zonas eleitorais mais favorecidas, não se detecta nenhuma correlação significativa. Em contrapartida, na parte positiva, o alinhamento dos pontos mostra que Ciro não é o candidato das zonas populares. Desprezado pelos *mais ricos* e pelos *mais pobres*, Ciro não consegue se impor, em nenhuma das zonas extremas, conseguindo seus melhores desempenhos nas zonas eleitorais mais diversificadas.

O Rio de Janeiro apresenta nítidas diferenças em relação a São Paulo, pois Lula não aparece aqui como o candidato das zonas populares. O gráfico de correlação mostra um nítido decréscimo de sua influência quando se acentua a importância das camadas mais modestas da população (0,84 no 1º turno). Sabe-se que Lula obteve forte apoio em bairros de classe média, como Laranjeiras, Maracanã e Vila Isabel. Assim, nos bairros periféricos, mais desfavorecidos da cidade, Lula não alcançou o sucesso esperado. É Garotinho que recebe os votos populares: o gráfico correspondente apresenta a mesma fisionomia que o de Lula e Garotinho em São Paulo. No segundo turno, o gráfico de Lula retoma a forma esperada, pois o apoio de Garotinho produziu seu efeito e restabeleceu a estrutura social no seu papel político. Os gráficos de Serra e Ciro revelam o que se pode esperar, uma vez que suas porcentagens decrescem à medida que se acentua o caráter popular das zonas eleitorais.

## **Conclusão**

Como se pôde perceber pela geografia eleitoral dos candidatos a prefeito, nas eleições de 1996 e 2000, e a presidente, nas de 1998 e 2002, determinadas áreas das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo apresentaram comportamentos eleitorais que se mantiveram regulares ao longo do tempo. De fato, a análise das votações, em quatro eleições consecutivas, nas duas maiores cidades brasileiras, permitiu a identificação de espaços geográficos relativamente estáveis do ponto de vista eleitoral.

Esta é uma das conclusões que se pode tirar do mapeamento dos resultados das urnas, com base na malha territorial detalhada das zonas eleitorais. Assim, apesar da complexidade existente nessas metrópoles, a recorrência de padrões de comportamentos eleitorais confirma a existência de territórios urbanos, fortemente diferenciados, no interior dos quais os eleitores demonstram grande coerência política. Pôde-se constatar, então, que em determinadas zonas eleitorais do Rio de Janeiro e de São Paulo, os eleitores tendem a votar em candidatos com um perfil mais *conservador*, enquanto noutras, em candidatos com perfil mais *progressista*.

Esses territórios eleitorais apresentam características socioeconômicas bem definidas, como mostra a *abordagem ecológica* que, ao procurar identificar escolhas políticas homogêneas em espaços urbanos complexos, vem corroborar as interpre-



tações sobre o *casamento* entre o espaço social e os resultados das urnas. Assim, a série de tratamentos estatísticos realizada neste artigo revelou que, em São Paulo, Serra aparece como o campeão de votos nas zonas eleitorais mais *ricas*, enquanto Lula é o vitorioso, nas zonas eleitorais *populares*. Desse modo, o *voto de classe* pôde ser observado, não no sentido clássico do termo, mas pela identificação de territórios eleitorais que se caracterizam por votações mais à *direita* ou mais à *esquerda*, de acordo com o perfil socioeconômico dos seus eleitores.

Já no Rio de Janeiro, a conjuntura política para os candidatos *tucano* e petista, em 2002, é mais complexa do que a de 1998, quando FHC teve votação consagradora nos bairros *ricos* e Lula nos bairros *populares* da cidade. Em 2002, o desgaste do governo FHC junto a setores de classe média carioca e a candidatura Garotinho, que teve forte apoio em camadas populares, alteraram o quadro político, em relação à eleição anterior.

Assim, não se observou no primeiro turno de 2002 a mesma segmentação do voto, entre o *tucano* e o petista, verificada em 1998, pois, tanto Serra quanto Lula obtiveram os seus maiores percentuais, em zonas eleitorais de bairros de classe média da cidade. No segundo turno, apesar de Lula vencer em todas as zonas eleitorais, reaparece uma certa segmentação do voto, pois o candidato do PT apresenta votações muito mais elevadas nos bairros *populares* do que nos bairros *ricos* do Rio.

Do mesmo modo, ao se investigar a existência ou não de uma correspondência entre o voto para prefeito e para presidente, isto é, a importância do nível da eleição na formação do espaço eleitoral, as cidades de São Paulo e do Rio mostraram diferenças quanto à geografia do voto partidário.

Em São Paulo, encontrou-se correspondência entre as bases territoriais do PSDB e do PT, tanto em relação aos seus candidatos a prefeito quanto a presidente. Os candidatos do PSDB a prefeito (Serra, 1996, e Alckmin, 2000) e a presidente (FHC, 1998, e Serra, 2002) revelaram ter suas bases territoriais fortemente ancoradas nas mesmas áreas, ou seja, em zonas eleitorais dos bairros *ricos* da capital, como Jardim Paulista, Pinheiros, Perdizes e Butantã. Da mesma forma, os candidatos do PT a prefeito (Erundina, 1996, e Marta, 2000) e a presidente (Lula, 1998 e 2002) mostraram correspondência no espaço entre as suas votações, uma vez que foram as zonas eleitorais dos bairros *populares*, das Zonas Leste, Sul e Noroeste da cidade, que deram aos candidatos petistas os seus melhores percentuais de votos.

O Rio de Janeiro, ao contrário de São Paulo, apresenta uma geografia eleitoral mais complexa, que muda de uma eleição a outra, em função de diversos fatores, tais como: a fragmentação do *brizolismo* nos anos 1990, a debilidade política do PSDB e do PT na cidade e a política de alianças realizada pelos partidos, a cada pleito. Essa complexidade pode ser observada no descompasso entre a geografia eleitoral dos candidatos *tucanos* e petistas a presidente e a dos candidatos desses partidos a prefeito.

Apesar dessas diferenças, as duas cidades se assemelham quanto ao desequilíbrio entre o desempenho dos candidatos a presidente e a prefeito, no caso do PSDB, em São Paulo, e no caso do PT, no Rio. Assim, em São Paulo, verifica-se um descompasso entre as boas votações dos candidatos *tucanos* a presidente e o insucesso eleitoral dos postulantes do PSDB a prefeito. Possivelmente, isto decorre da presença de forças políticas de *direita*, a exemplo do *malufismo*, que desempenham um papel significativo na política municipal, mas não têm viabilidade eleitoral na disputa pela Presidência, como mostrou o insucesso dos candidatos do PPB, Maluf, em 1989, e Amin, em 1994. Desse modo, essas forças são levadas a apoiar candidatos a presidente de outros partidos, como aconteceu em 1998, quando a adesão de Maluf a FHC contribuiu para a sua espetacular votação na capital paulista.

Situação semelhante ocorre também no Rio de Janeiro, onde se constatou o descompasso entre o crescimento sistemático de Lula, em sucessivas eleições presidenciais, e o fraco desempenho dos candidatos do PT nas eleições municipais. Esse desequilíbrio parece estar relacionado à existência de forças políticas de *esquerda*, como o *brizolismo*, que apesar de possuírem importância local, não apresentam densidade eleitoral que lhes permita concorrer, com chances de vitória, à Presidência da República, como se viu pelas tentativas de Brizola, em 1989 e 1994. Diante desses fracassos eleitorais, Brizola foi levado a apoiar Lula em 1998, o que possibilitou ao candidato petista um significativo crescimento das suas votações no Rio.

Portanto, o desempenho dos candidatos a presidente da República e a prefeito nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo resulta da conjugação de diferentes fatores, com dosagens variadas de uma cidade a outra, num jogo eleitoral no qual competem forças políticas nacionais, que, entretanto, nem sempre possuem expressão local, e forças políticas locais, que, freqüentemente, se mostram débeis no plano nacional.

Cesar Romero Jacob  
Professor da PUC-Rio

Dora Rodrigues Hees  
Professora da PUC-Rio

Philippe Waniez  
Pesquisador do Instituto de Pesquisa para o  
Desenvolvimento (IRD), Paris

Violette Brustlein  
Engenheira do Centro de Pesquisa e  
Documentação sobre a América Latina (CREDAL),  
do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), Paris

## Notas

\* Este artigo apresenta, em preto e branco, alguns dos mapas, em cores, contidos no CD-ROM *Mapas Eleitorais das Cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo*, em anexo nesta revista.

1. JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. As eleições municipais e sua influência nas disputas presidenciais. In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, v.3, n. 5, 2002, pp. 135-181.

2. Lula apresentou crescimento sistemático na cidade do Rio de Janeiro, ao passar de 12,1%, no primeiro turno de 1989, para 27,2%, em 1994; 42,1%, em 1998, e 47,2%, no primeiro turno de 2002.

3. Os candidatos do PSDB a presidente apresentaram crescimento expressivo, na cidade de São Paulo: Mário Covas obteve 32,9%, em 1989, e FHC alcançou 57,8%, em 1994, e 61,9%, em 1998. Já Serra, apesar de não acompanhar essa trajetória ascendente, mostrou um bom desempenho, ao atingir a marca de 30,7%, em 2002.

4. Os mapas apresentados neste artigo, e no CD-ROM que o acompanha, foram realizados graças à colaboração do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e dos Tribunais Regionais Eleitorais do Rio de Janeiro (TRE-RJ) e de São Paulo (TRE-SP), que forneceram os resultados oficiais das eleições municipais de 1996 e 2000, e das presidenciais de 1998 e 2002.

5. Ver, a esse propósito, JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e São Paulo: Loyola, 2003, p.52.

6. Idem, *ibidem*, p.52.

7. Lula apresentou crescimento na cidade de São Paulo, ao obter 15,7%, no primeiro turno de 1989, 27,2%, em 1994, 27,7%, em 1998, e 42,0%, no primeiro turno de 2002.

8. Ver, a esse propósito, JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e São Paulo: Loyola, 2003, p.52.

9. JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. As eleições municipais e sua influência nas disputas presidenciais. In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, v.3, n. 5, 2002, pp. 135-181.

10. Ver, a esse propósito, SIEGFRIED, André. *Tableau politique de la France de l'Ouest*. Paris: Imprimerie Nationale, 1995.

11. Consultar o seguinte site: <http://perso.club-internet.fr/philgeo>.

12. Os TREs do Rio de Janeiro e de São Paulo atualizam, a cada eleição, os dados do seu cadastro sobre a idade do eleitorado, mas não as informações sobre escolaridade, uma vez que os eleitores não comunicam aos Tribunais as mudanças no seu nível de educação. Por essa razão, os dados sobre escolaridade devem ser analisados com cuidado. Essa é, no entanto, a única informação de que se dispõe sobre o nível de escolaridade dos eleitores. O agrupamento em três grandes categorias permite

- contornar um pouco este problema: inferior ao 1º grau, 1º grau, e 2º grau e superior.
13. Berry, B.J.L. & Horton, F.E. *Geographic perspectives on urban system*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1970, p. 564.
  14. Robert Park, *apud* Berry, B.J.L. & Horton, F.E. *Geographic perspectives on urban system*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1970, p. 564.
  15. Homer Hoyt, *apud* Berry, B.J.L. & Horton, F.E. *Geographic perspectives on urban system*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1970, p. 564.
  16. As 12 variáveis consideradas são relativas à taxa de masculinidade, a três grupos de idade e a oito níveis educacionais.
  17. LOcally WEighted RegreSSion, ou regressão ponderada localmente, também conhecida sob o nome de Lowess.

### **Referências bibliográficas**

- BERRY, B.J.L. & HORTON, F.E. *Geographic perspectives on urban system*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1970.
- JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. As eleições municipais e sua influência nas disputas presidenciais. In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, v.3, n. 5, 2002, pp. 135-181. Inclui CD-ROM.
- JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. Eleições Presidenciais de 2002 no Brasil: uma nova geografia eleitoral? In: *ALCEU*. Rio de Janeiro, v.3, n° 6, 2003, pp. 287-327. Inclui CD-ROM.
- JACOB, C. R., HEES, D. R., WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio e São Paulo: Loyola, 2003.
- LOSADA, R., GIRALDO, F., MUÑOZ, P. *Atlas sobre las elecciones presidenciales de Colombia, 1974-2002*. Bogotá: Javegraf-ADAC, 2004.
- ROMERO BALLIVIÁN, Salvador. *Geografía Electoral de Bolivia*. La Paz: Fundemos, 1998.
- SIEGFRIED, André. *Tableau politique de la France de l'Ouest*. Paris: Imprimerie Nationale, 1995.
- WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V., JACOB, C. R., HEES, D. R. Après l'élection de Lula, une nouvelle géographie électorale du Brésil? In: *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, ns.46/47, 2002, pp. 157-177.
- WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V., JACOB, C. R., HEES, D. R. Déclin du Catholicisme et changements religieux au Brésil. In: *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, n° 52, 2002, pp. 31-62.
- WANIEZ, P., BRUSTLEIN, V., JACOB, C. R., HEES, D. R. Du local au national, la consolidation démocratique au Brésil. In: *Espace, populations, sociétés*. Lille, 2003-3, pp. 501-519.

## **Resumo**

Este artigo busca compreender o processo eleitoral nas duas principais cidades do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro. Através de cerca de 70 mapas dos resultados das eleições, por zonas eleitorais, procurou-se identificar as bases territoriais dos partidos; o descompasso entre a geografia eleitoral dos candidatos dos partidos a presidente e dos postulantes a prefeito pelos mesmos partidos; e a existência ou não de um *voto de classe*. A análise dos mapas, a construção de um *indicador de diferenciação social* e a sua correlação com as votações dos candidatos puderam mostrar verdadeiros territórios eleitorais nessas duas cidades.

## **Palavras-chave**

Rio de Janeiro, São Paulo, geografia eleitoral, geografia social, eleições presidenciais, eleições municipais, zonas eleitorais, voto de classe, comportamento político.

## **Résumé**

Cet article montre les processus électoraux dans les deux principales villes du Brésil: São Paulo et Rio de Janeiro. Avec environ 70 cartes, établies sur la base des zones électorales, représentant les résultats de plusieurs scrutins, on a cherché à identifier les bases territoriales des partis; les différences, pour les mêmes partis, entre la géographie électorale des candidats aux élections présidentielles et celle des candidats aux élections municipales; et l'existence ou non d'un vote de classe. L'analyse des cartes, la construction d'un indicateur de différenciation sociale et sa corrélation avec les *scores* obtenus par les différents candidats ont permis de montrer l'existence de territoires électoraux à l'intérieur des deux villes.

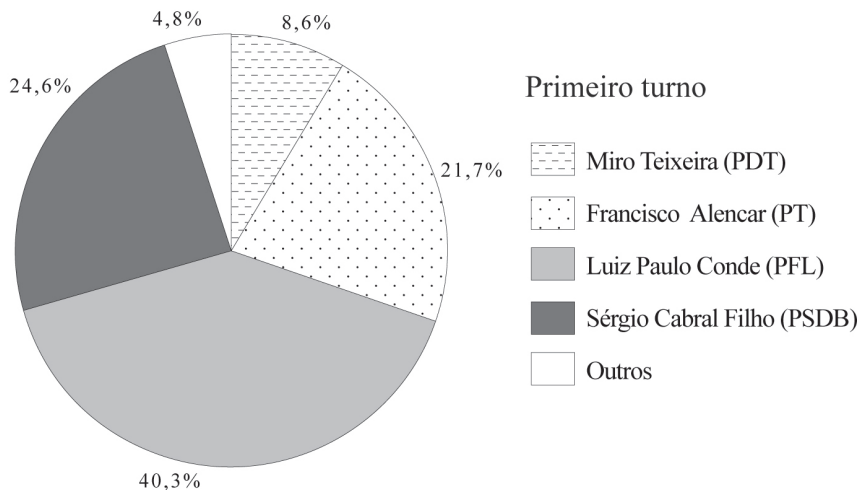
## **Mots-clé**

Rio de Janeiro, São Paulo, géographie électorale, géographie sociale, élections présidentielles, élections municipales, zones électorales, vote de classe, comportement politique.

**Figura I**

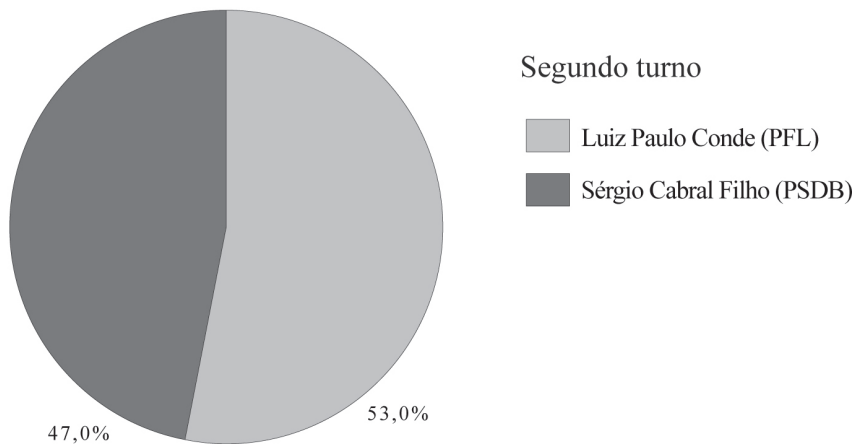
### Eleição para Prefeito - 1996

Município do Rio de Janeiro  
Distribuição dos votos válidos



#### Primeiro turno

- Miro Teixeira (PDT)
- Francisco Alencar (PT)
- Luiz Paulo Conde (PFL)
- Sérgio Cabral Filho (PSDB)
- Outros



#### Segundo turno

- Luiz Paulo Conde (PFL)
- Sérgio Cabral Filho (PSDB)

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

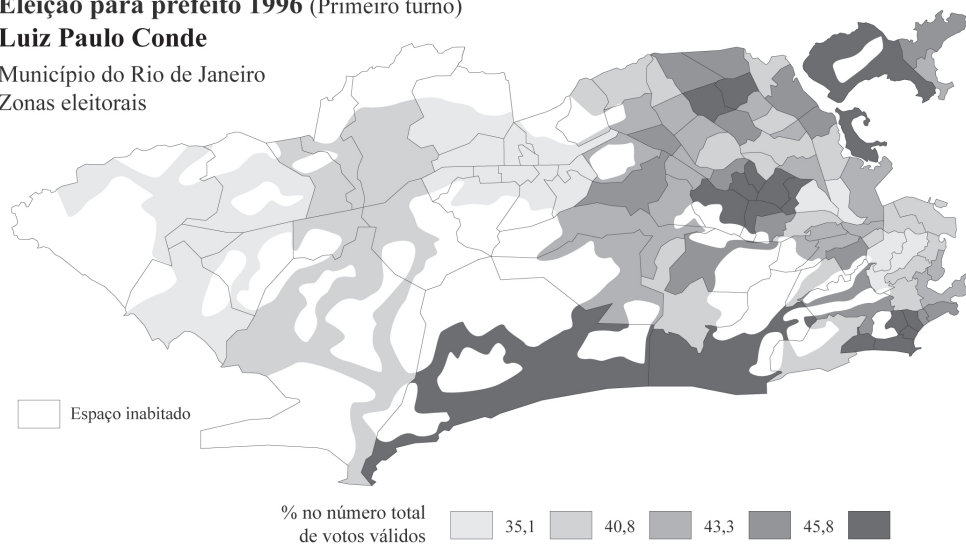
## Figura 2

Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)

Luiz Paulo Conde

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



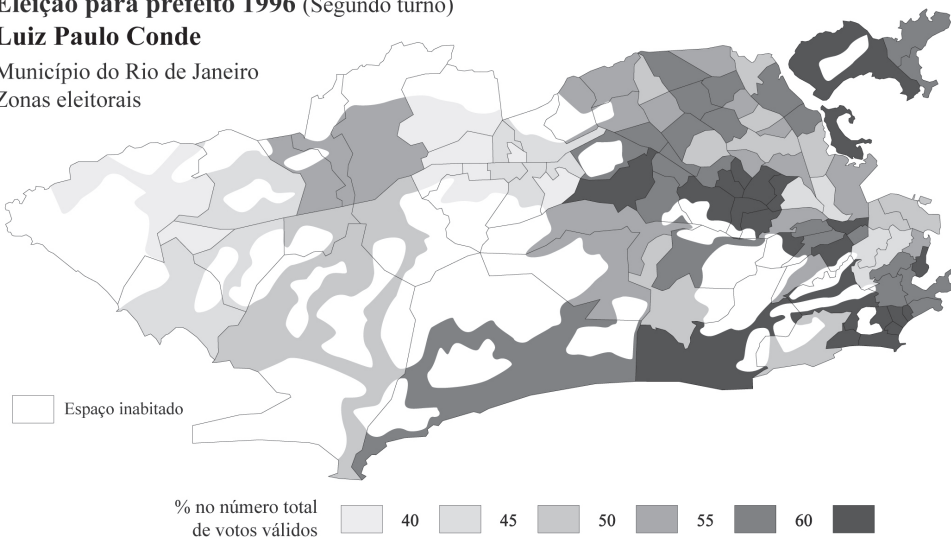
## Figura 3

Eleição para prefeito 1996 (Segundo turno)

Luiz Paulo Conde

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



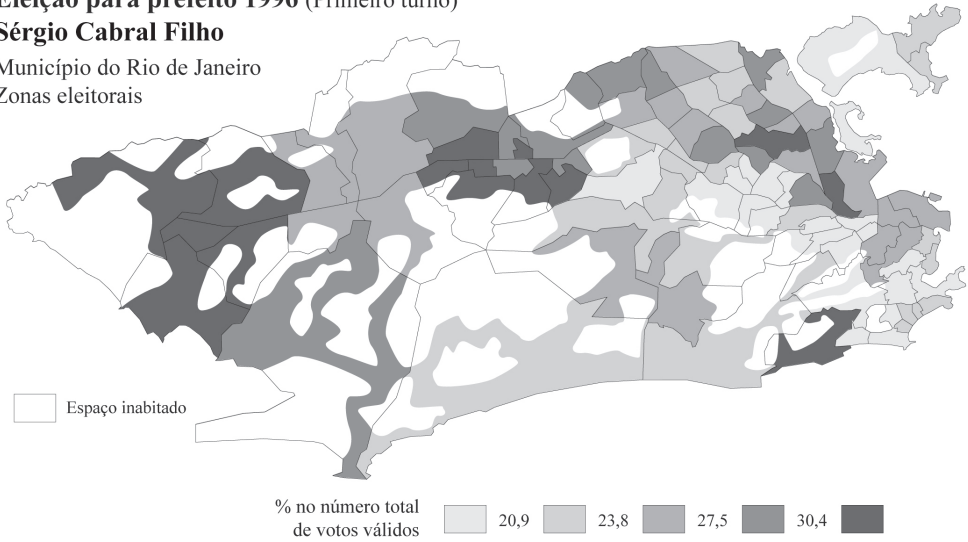
**Figura 4**

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Sérgio Cabral Filho**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

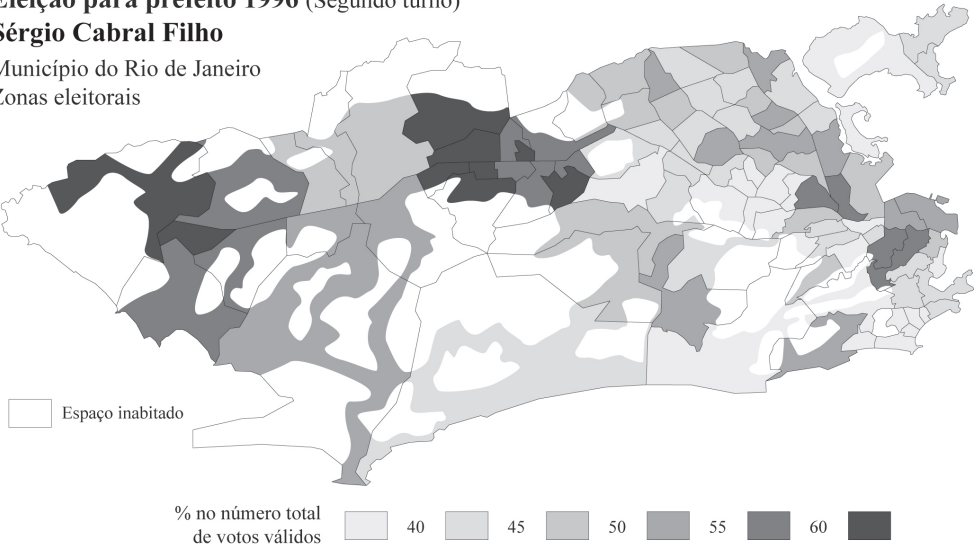
**Figura 5**

**Eleição para prefeito 1996 (Segundo turno)**

**Sérgio Cabral Filho**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez



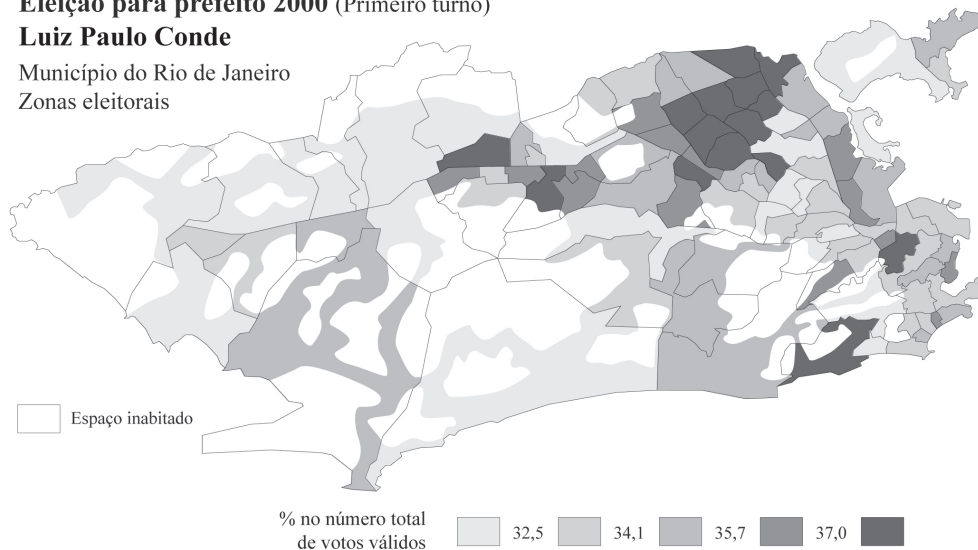
### Figura 6

Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)

Luiz Paulo Conde

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



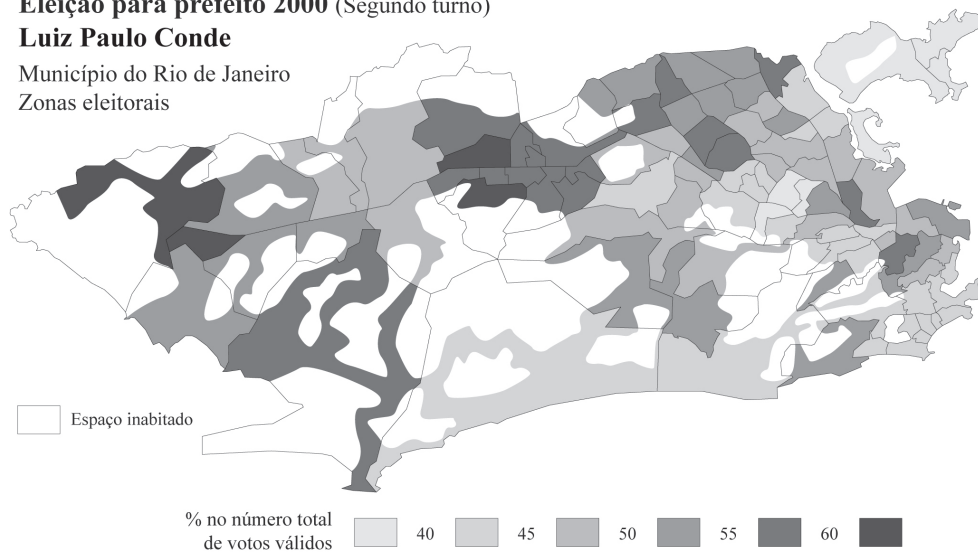
### Figura 7

Eleição para prefeito 2000 (Segundo turno)

Luiz Paulo Conde

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



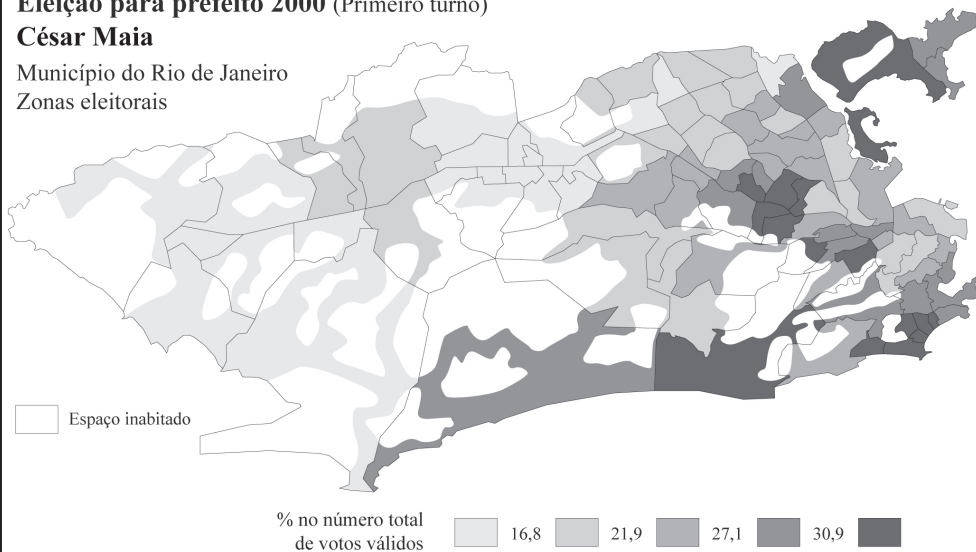
### Figura 8

#### Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)

#### César Maia

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

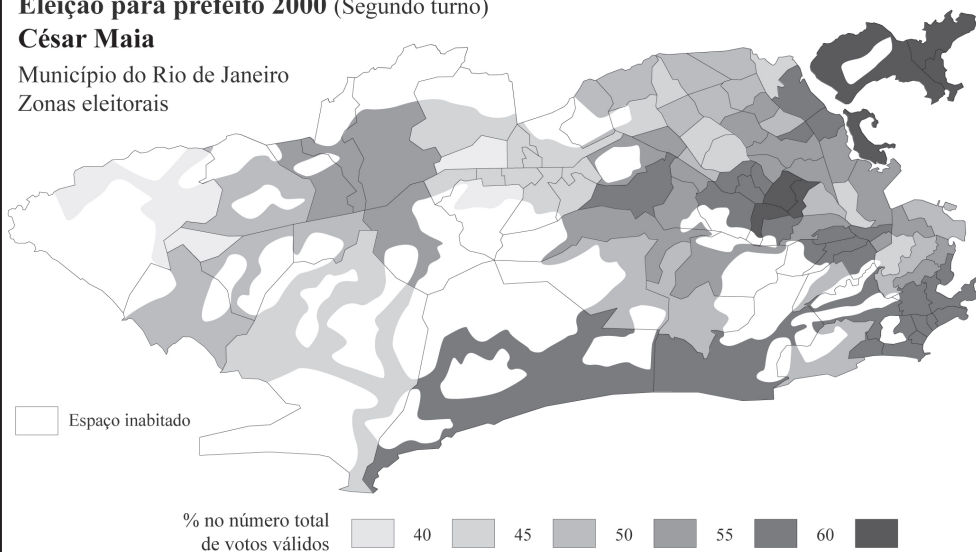
### Figura 9

#### Eleição para prefeito 2000 (Segundo turno)

#### César Maia

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



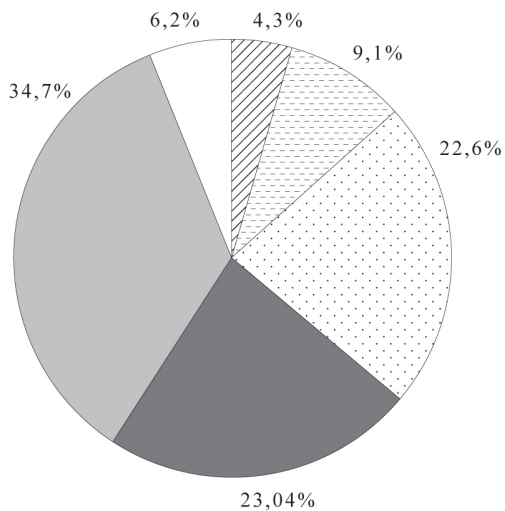
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

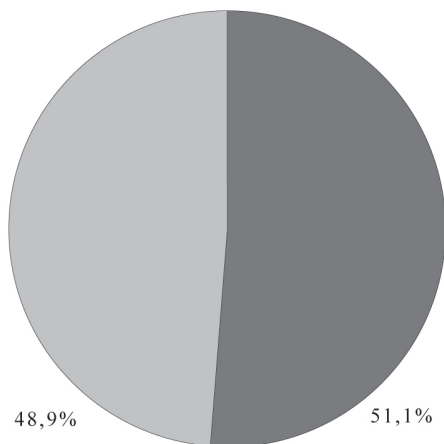
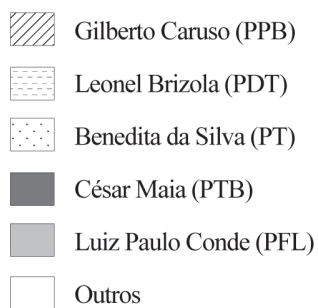
**Figura 10**

## **Eleição para Prefeito - 2000**

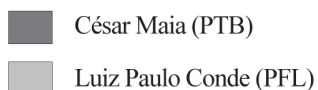
Município do Rio de Janeiro  
Distribuição dos votos válidos



### **Primeiro turno**



### **Segundo turno**



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral  
do Rio de Janeiro

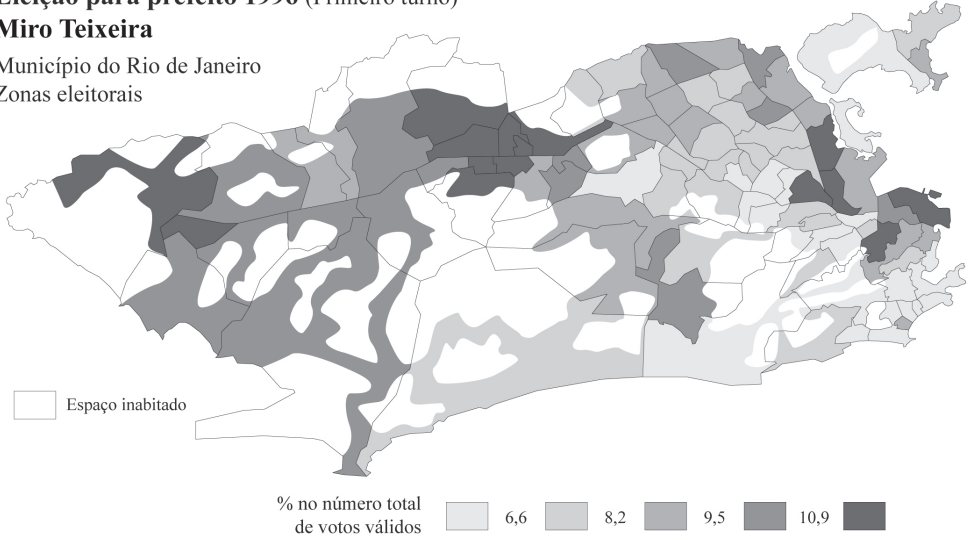
©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

### Figura 11

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Miro Teixeira**

Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

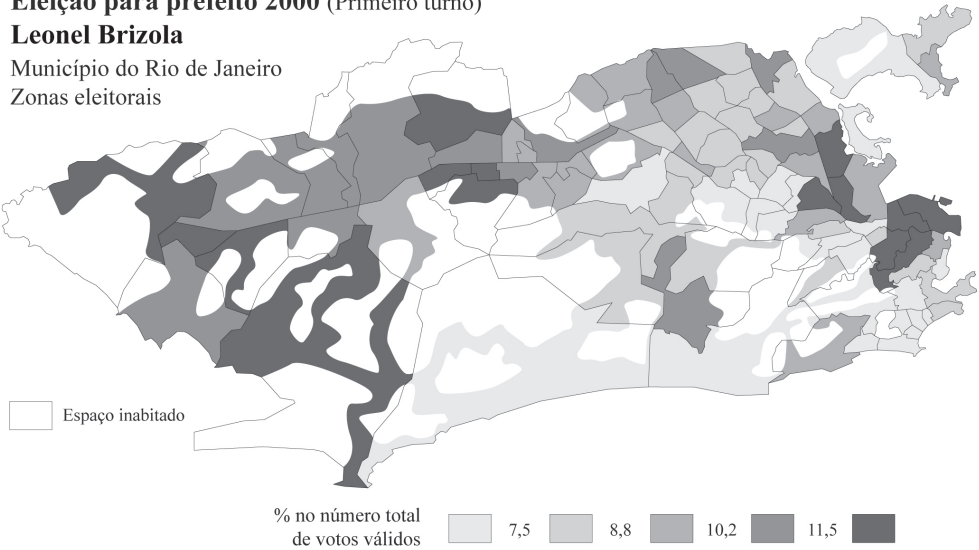
©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

### Figura 12

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Leonel Brizola**

Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

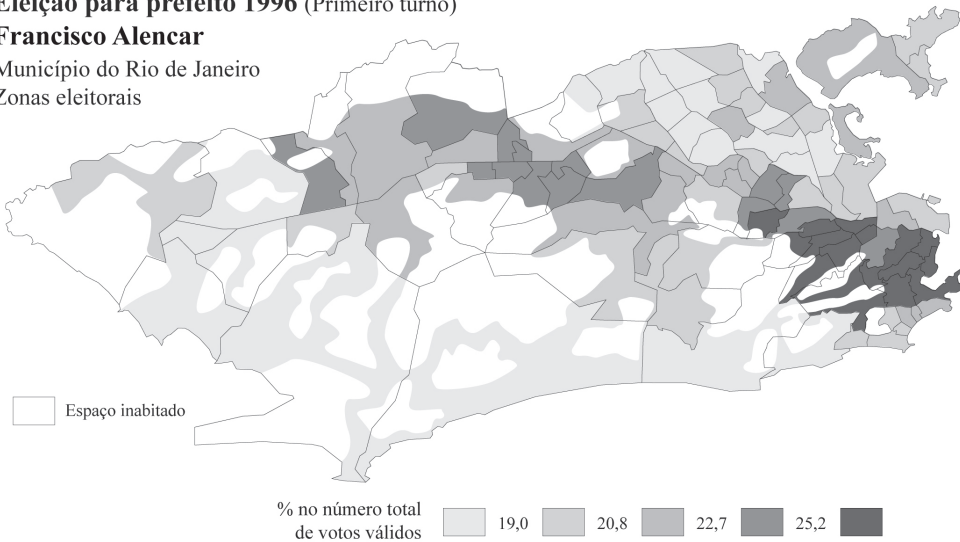
### Figura 13

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Francisco Alencar**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



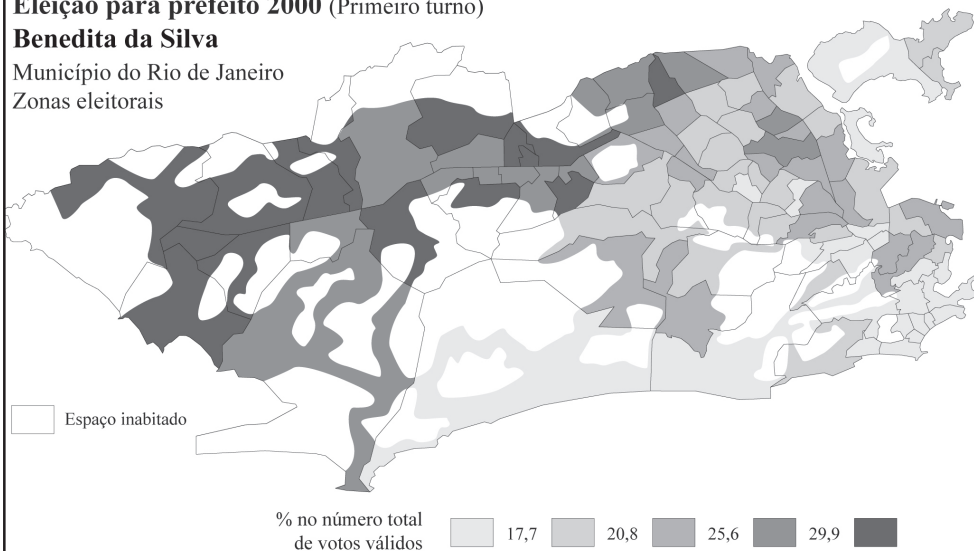
### Figura 14

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Benedita da Silva**

Município do Rio de Janeiro

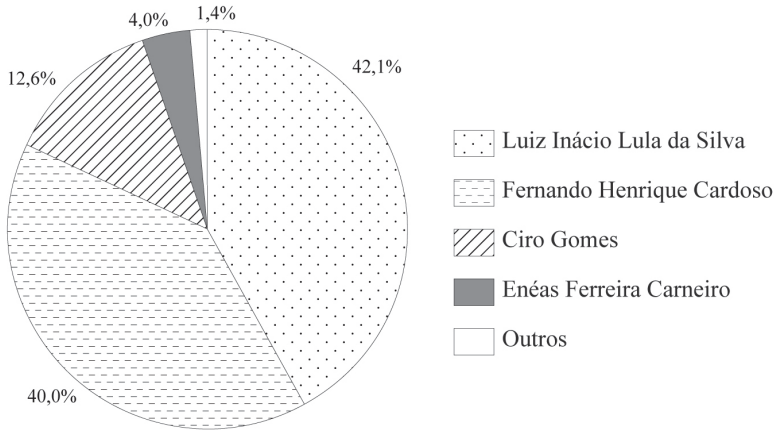
Zonas eleitorais



**Figura 15**

**Eleição Presidencial - 1998**

Município do Rio de Janeiro  
Distribuição dos votos válidos



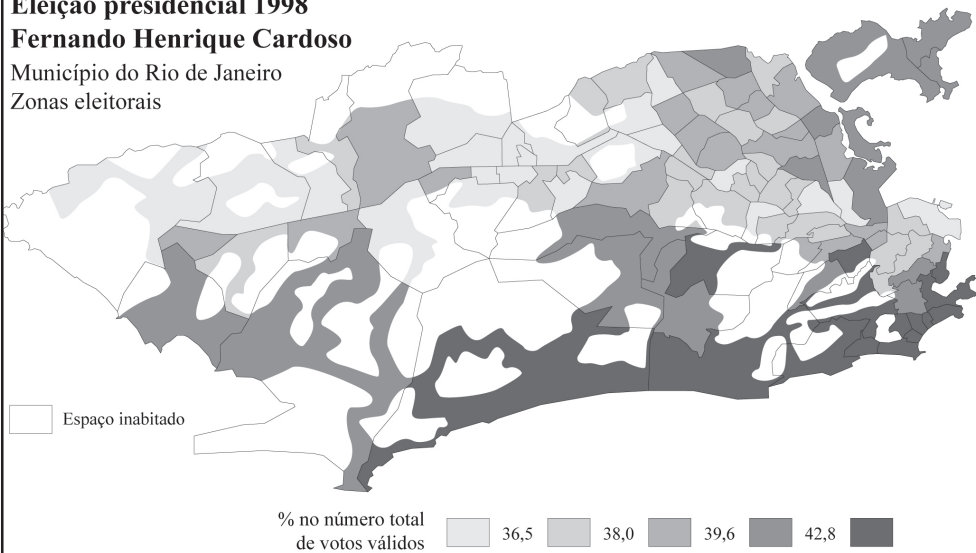
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 16**

**Eleição presidencial 1998**  
**Fernando Henrique Cardoso**

Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

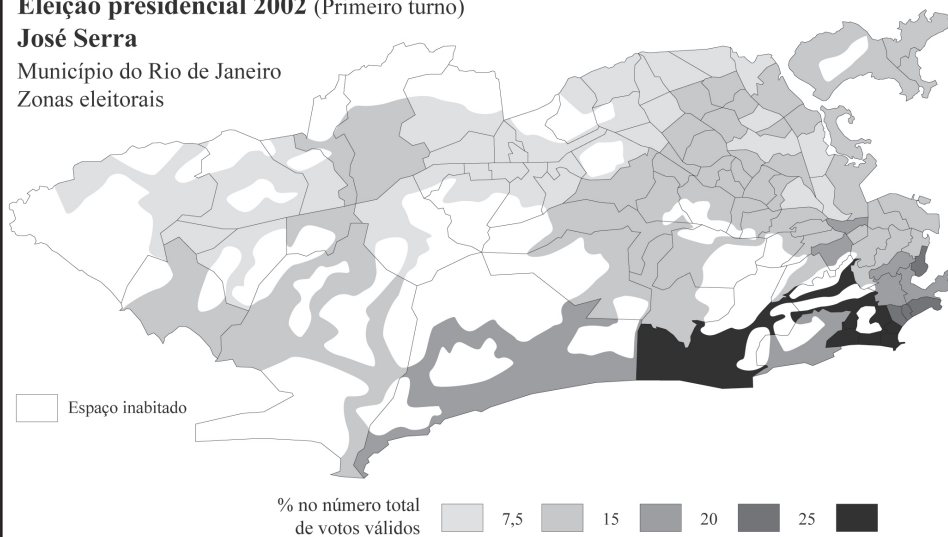
**Figura 17**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**José Serra**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

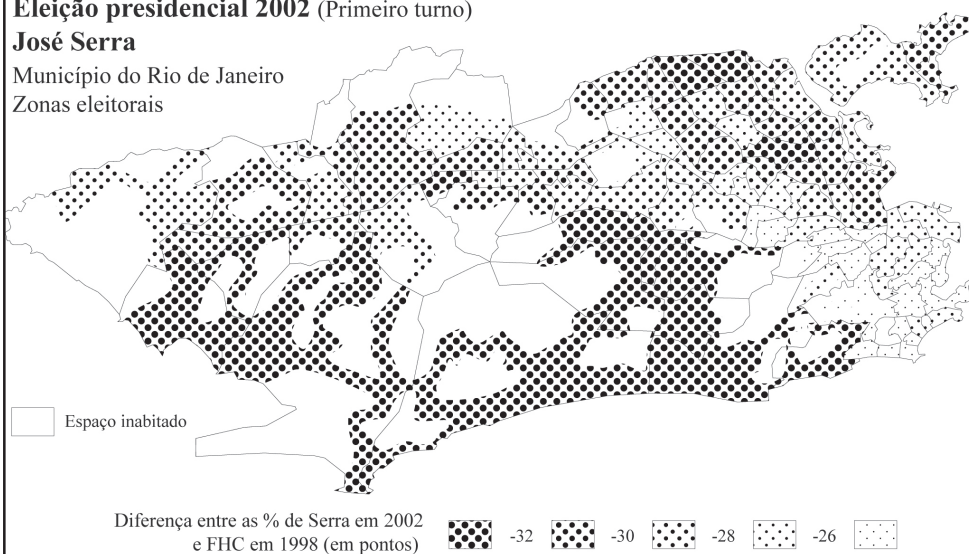
**Figura 18**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**José Serra**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 1998 e 2002

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

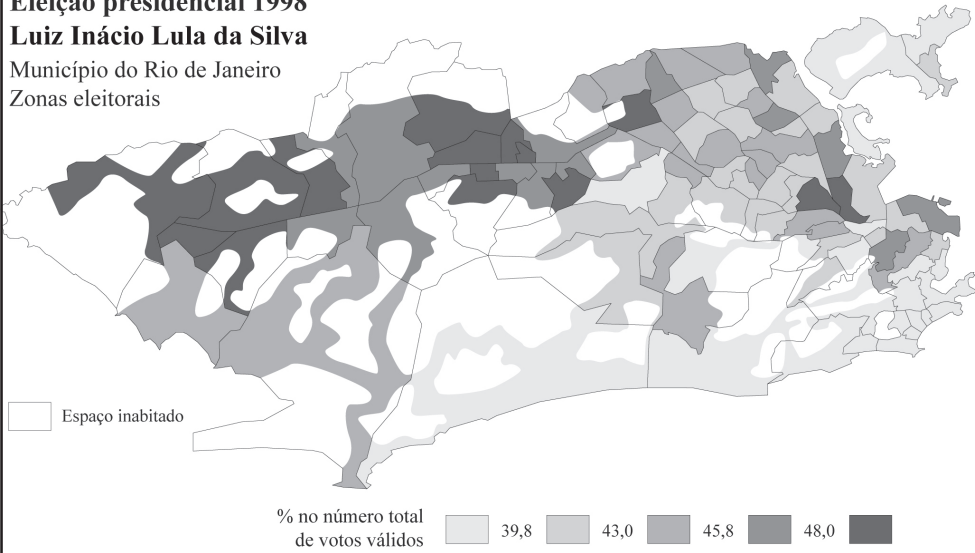
**Figura 19**

**Eleição presidencial 1998**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

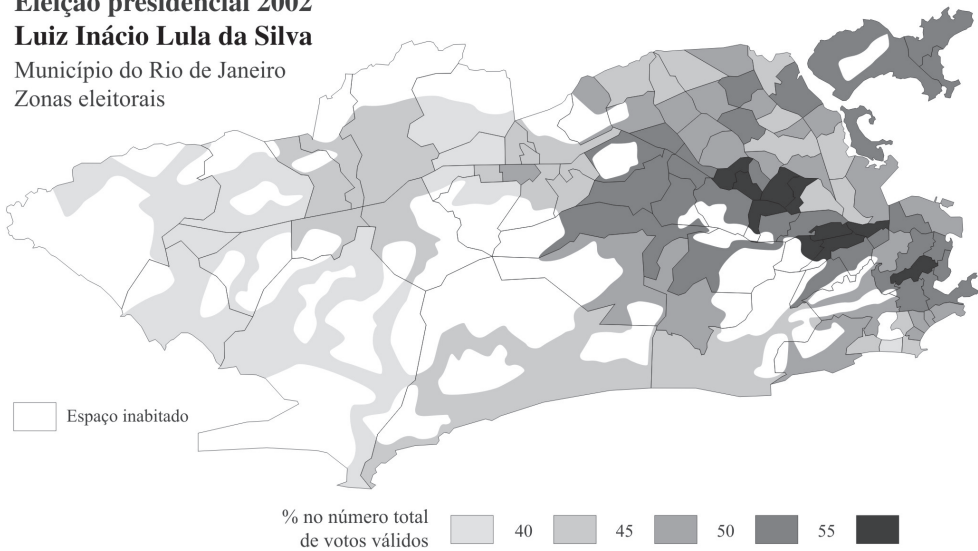
**Figura 20**

**Eleição presidencial 2002**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez



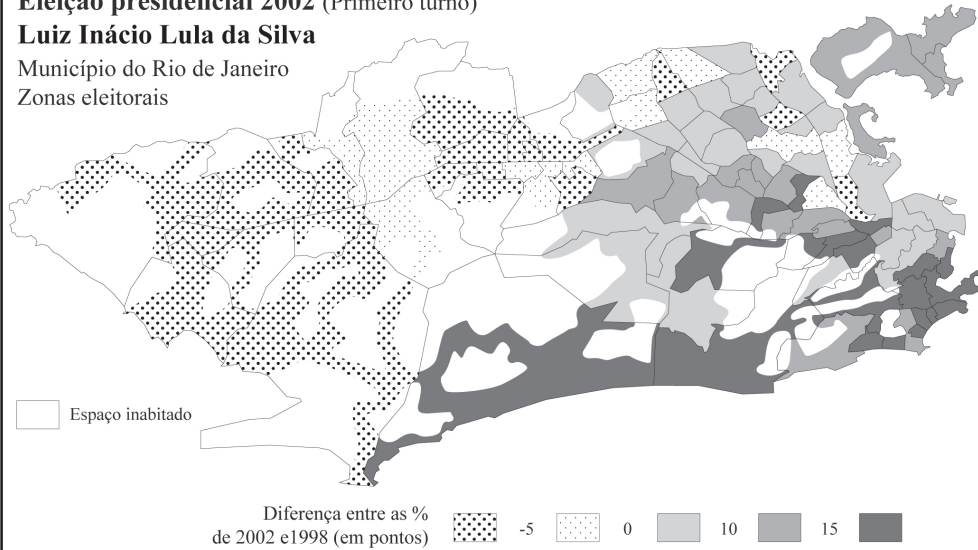
## Figura 21

Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)

Luiz Inácio Lula da Silva

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



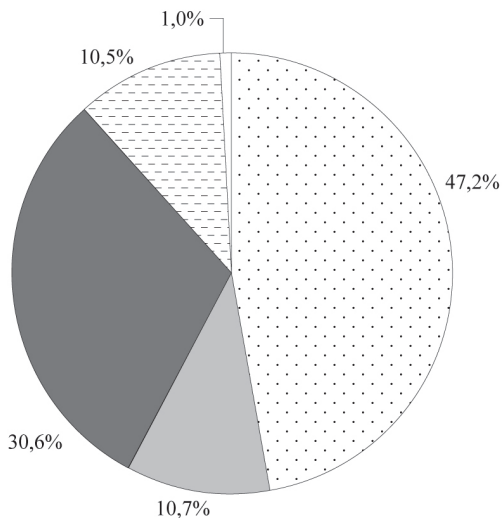
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 1998 e 2002

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

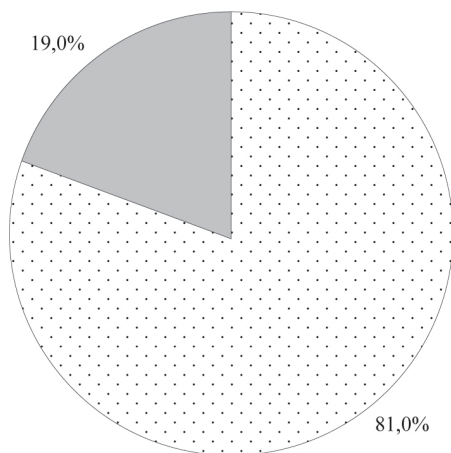
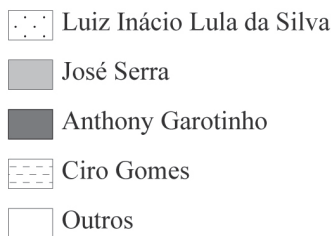
**Figura 22**

## **Eleição Presidencial - 2002**

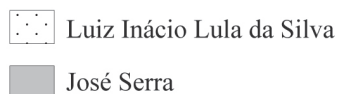
Município do Rio de Janeiro  
Distribuição dos votos válidos



### **Primeiro turno**



### **Segundo turno**



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral  
do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

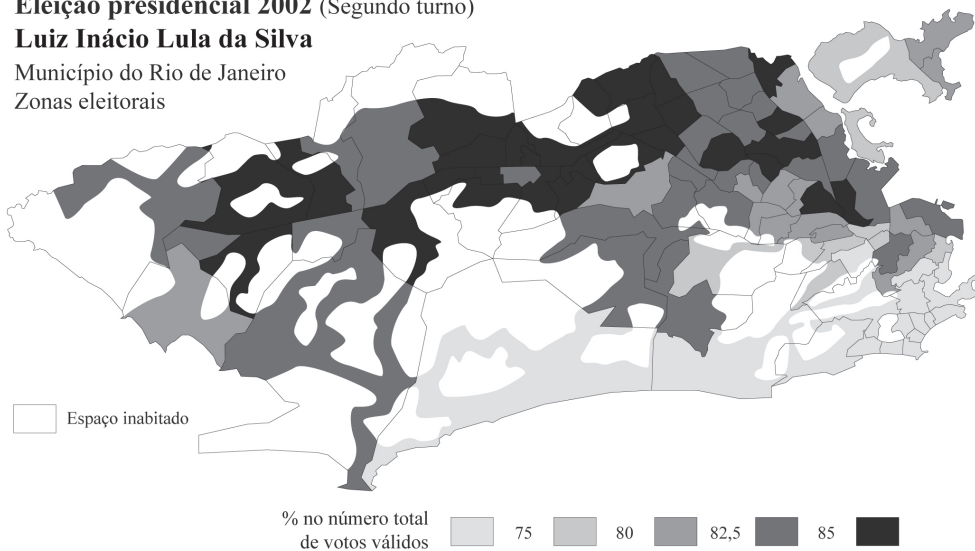
### Figura 23

Eleição presidencial 2002 (Segundo turno)

Luiz Inácio Lula da Silva

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

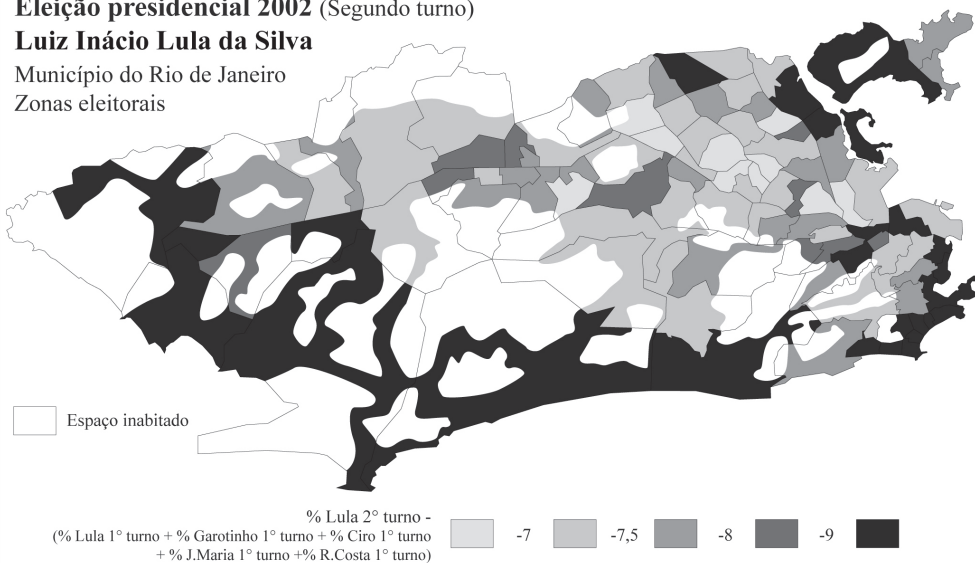
### Figura 24

Eleição presidencial 2002 (Segundo turno)

Luiz Inácio Lula da Silva

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 1998 e 2002

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

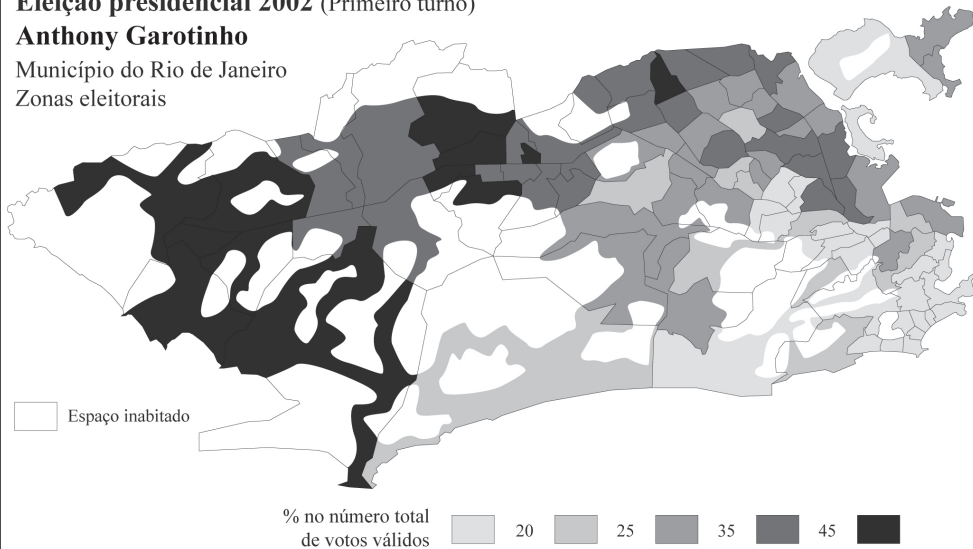
**Figura 25**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Anthony Garotinho**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



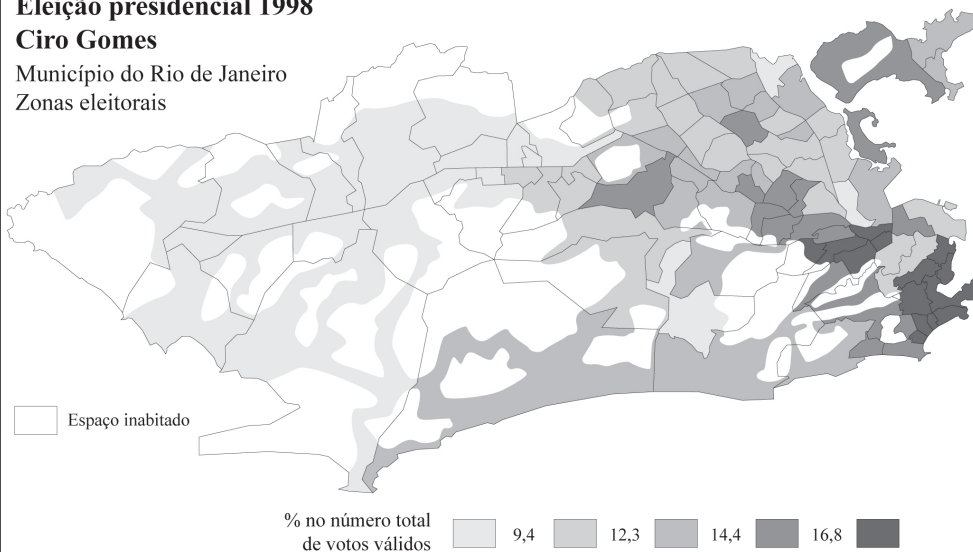
**Figura 26**

**Eleição presidencial 1998**

**Ciro Gomes**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



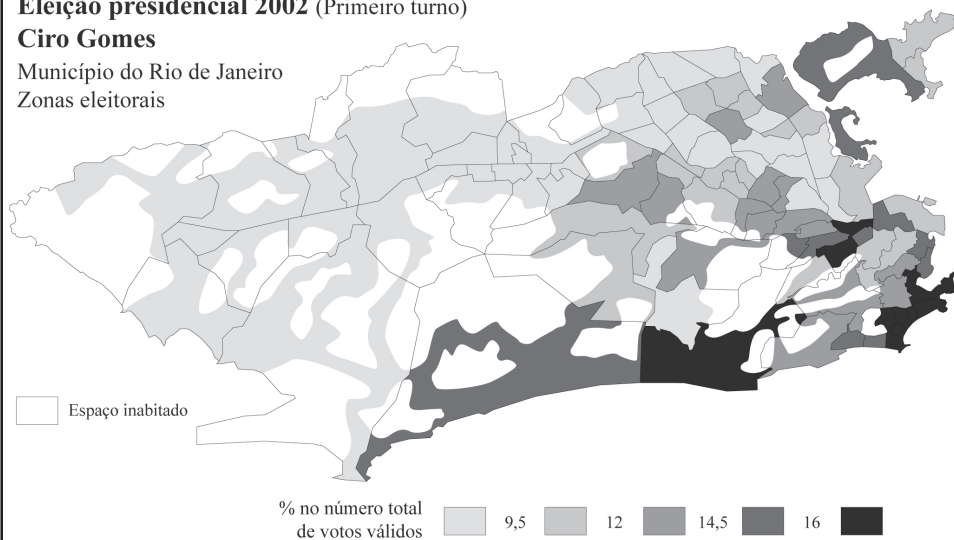
**Figura 27**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Ciro Gomes**

Município do Rio de Janeiro

Zonas eleitorais



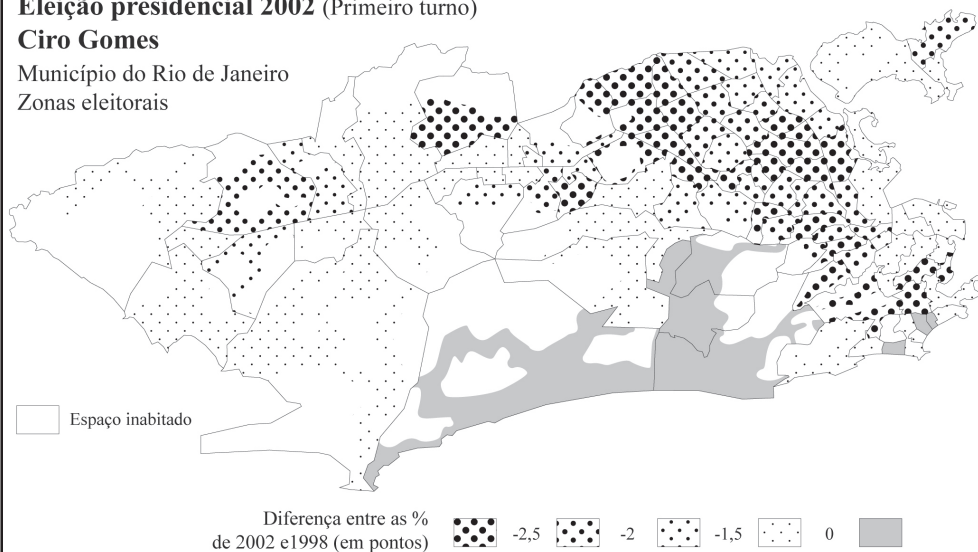
**Figura 28**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Ciro Gomes**

Município do Rio de Janeiro

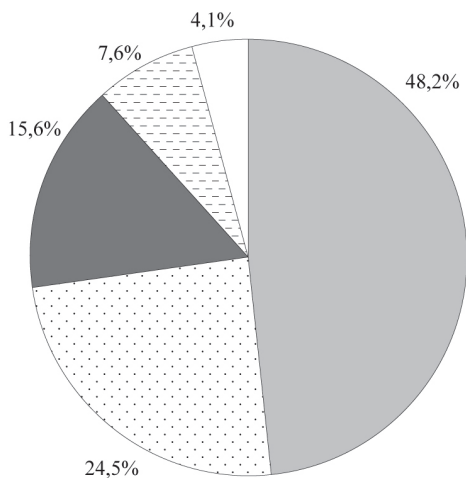
Zonas eleitorais



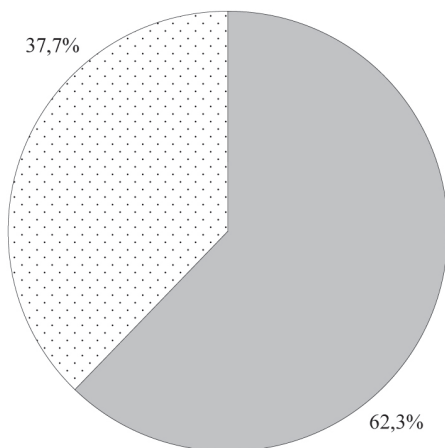
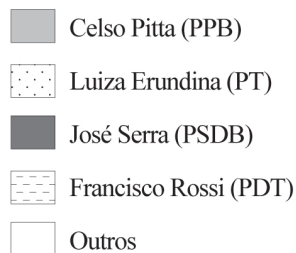
**Figura 29**

## Eleição para Prefeito - 1996

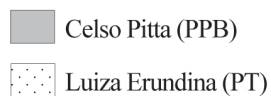
Município de São Paulo  
Distribuição dos votos válidos



### Primeiro turno



### Segundo turno



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

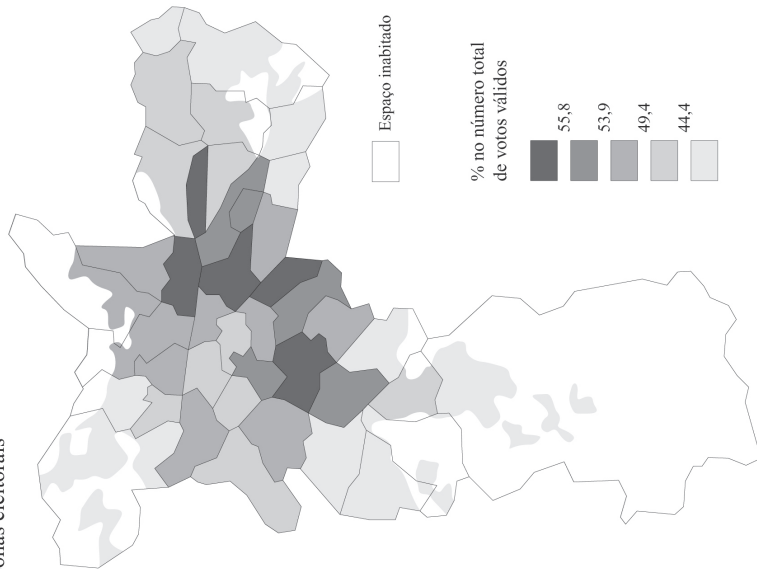
**Figura 30**

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Celso Pitta**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacobs, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Wanez

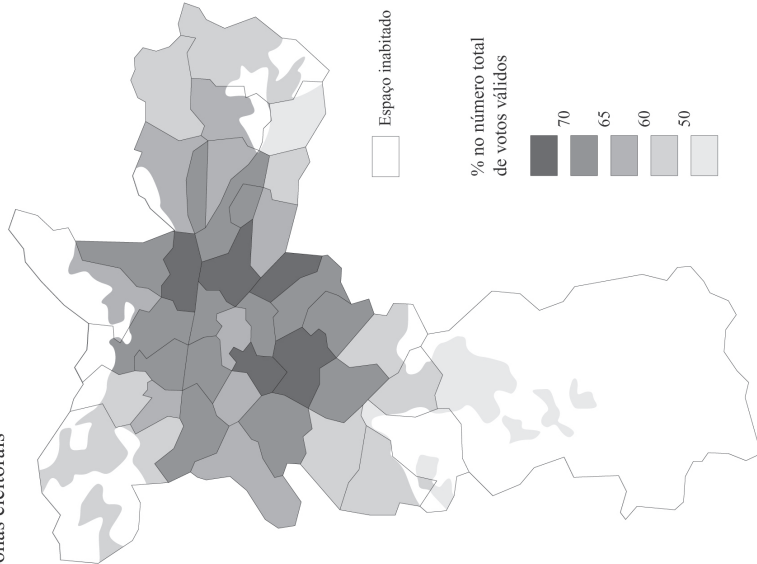
**Figura 31**

**Eleição para prefeito 1996 (Segundo turno)**

**Celso Pitta**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



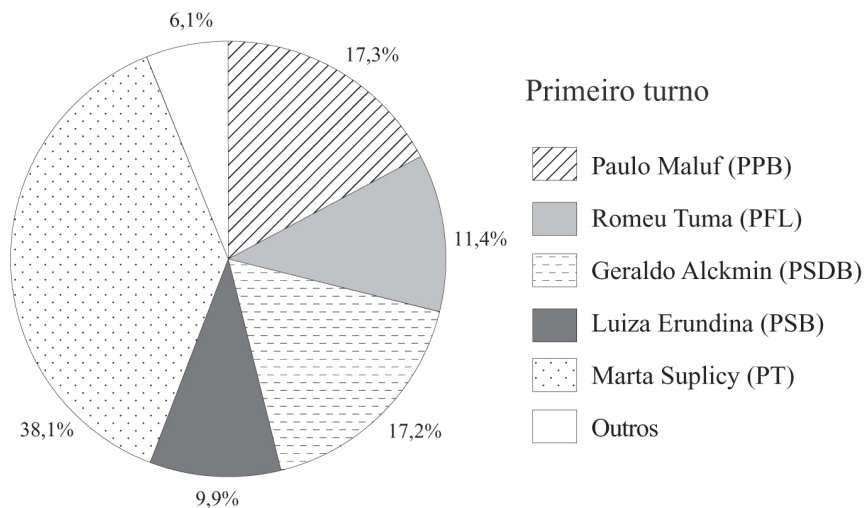
Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacobs, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Wanez






**Figura 32**

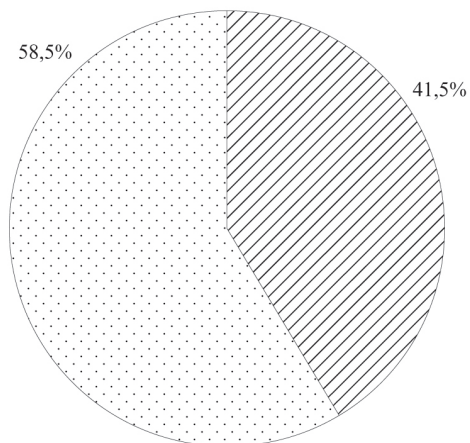
## Eleição para Prefeito - 2000

Município de São Paulo  
Distribuição dos votos válidos





### Primeiro turno

-  Paulo Maluf (PPB)
-  Romeu Tuma (PFL)
-  Geraldo Alckmin (PSDB)
-  Luiza Erundina (PSB)
-  Marta Suplicy (PT)
-  Outros



### Segundo turno

-  Paulo Maluf (PPB)
-  Marta Suplicy (PT)

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez



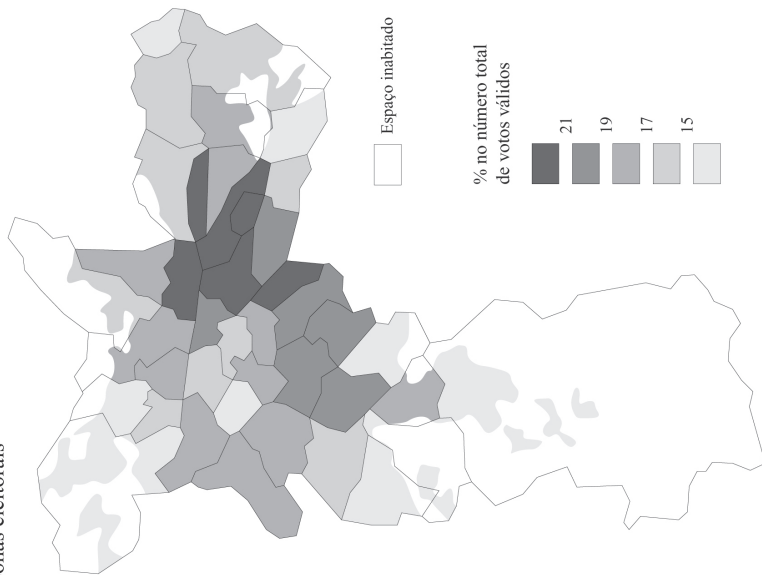
**Figura 33**

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Paulo Maluf**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brasléin, Philippe Wainicz

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

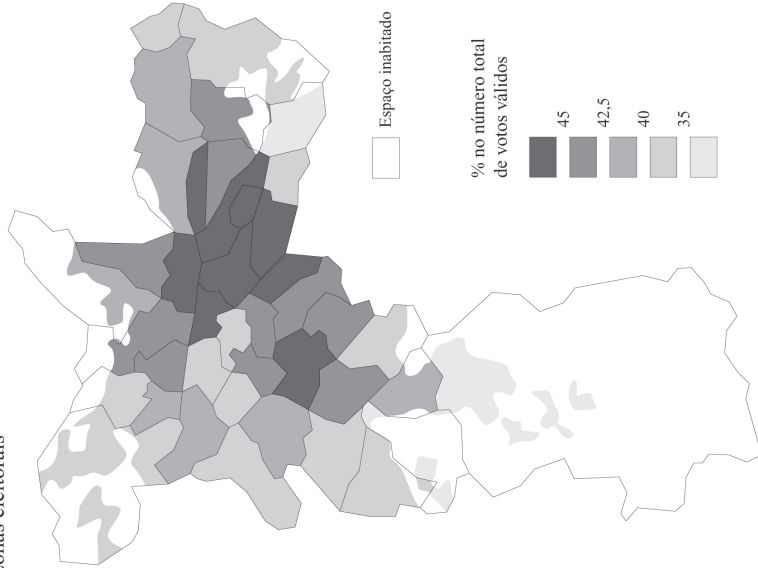
**Figura 34**

**Eleição para prefeito 2000 (Segundo turno)**

**Paulo Maluf**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brasléin, Philippe Wainicz

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

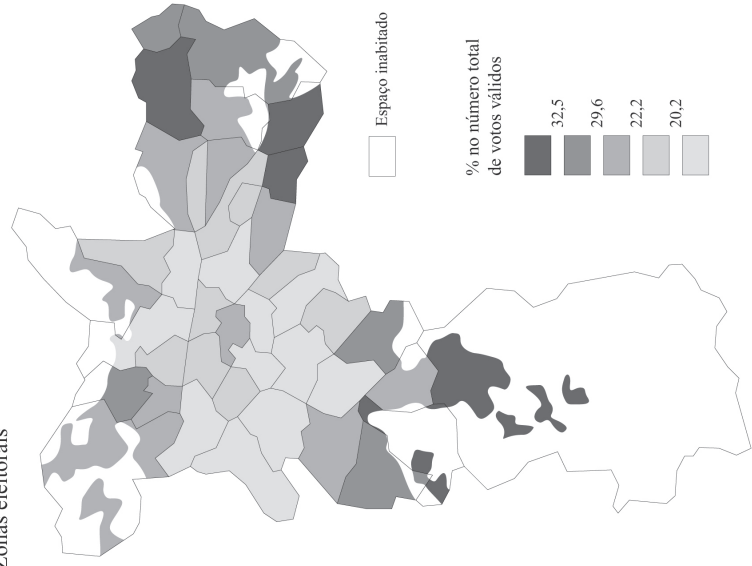
**Figura 35**

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Luiza Erundina**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hess, Violette Brasilain, Philippe Waitiez

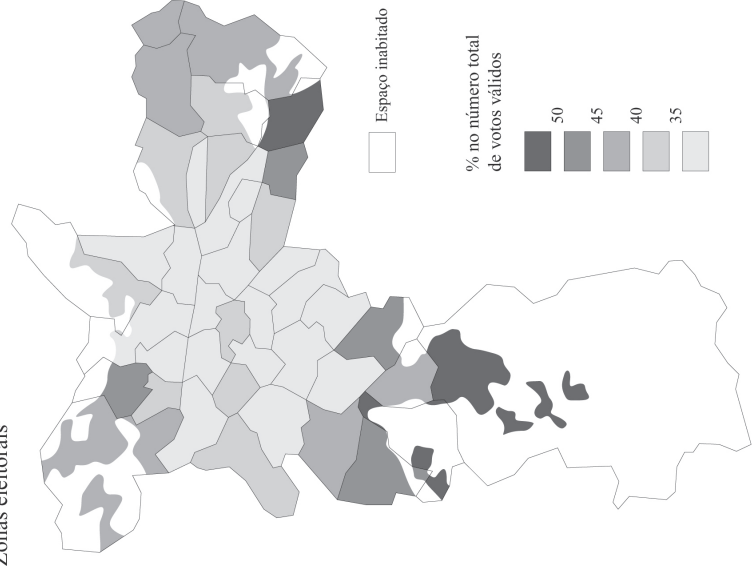
**Figura 36**

**Eleição para prefeito 1996 (Segundo turno)**

**Luiza Erundina**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hess, Violette Brasilain, Philippe Waitiez

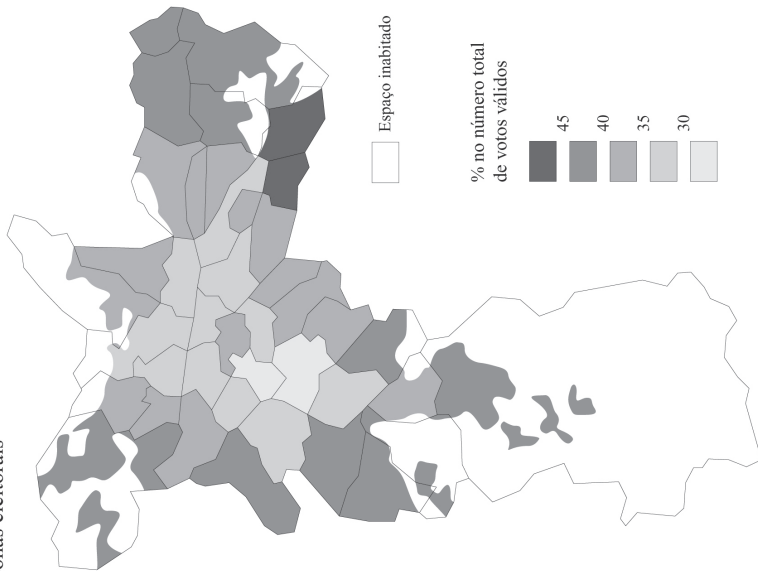
**Figura 37**

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Marta Suplicy**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



©2004 Cesar Romero Jacobs, Davi Rodrigues Hees,  
Violette Brasstein, Philippe Waniez

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

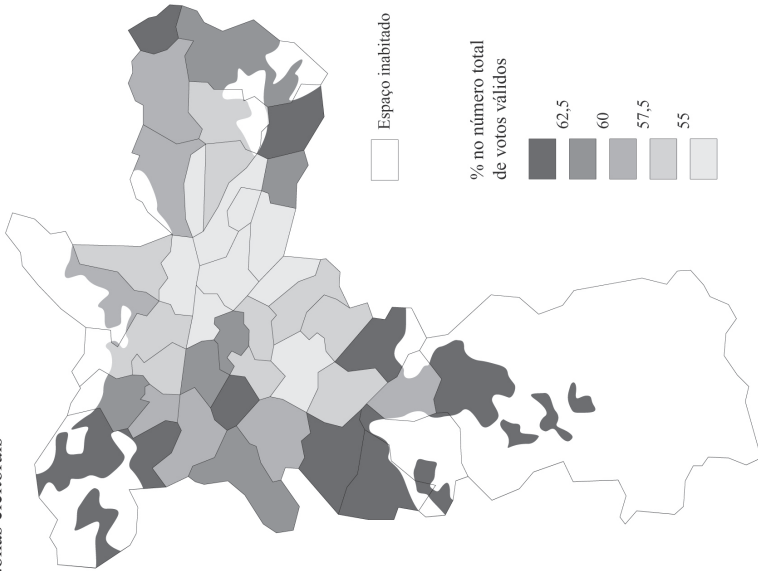
**Figura 38**

**Eleição para prefeito 2000 (Segundo turno)**

**Marta Suplicy**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



©2004 Cesar Romero Jacobs, Davi Rodrigues Hees,  
Violette Brasstein, Philippe Waniez

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

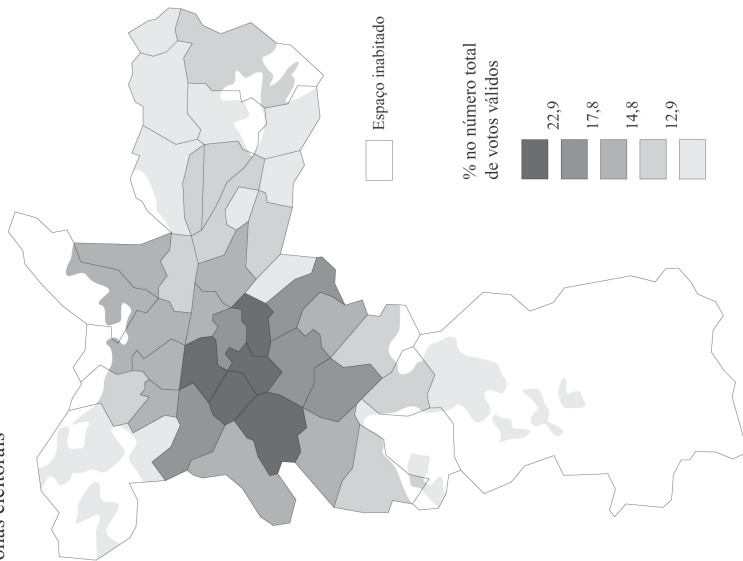
**Figura 39**

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**José Serra**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hess, Violette Brasilain, Philippe Waitiez

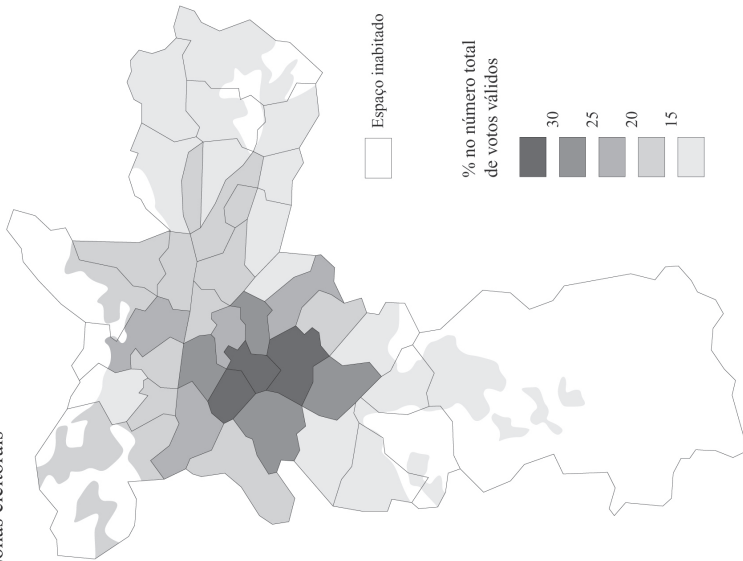
**Figura 40**

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Geraldo Alckmin**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hess, Violette Brasilain, Philippe Waitiez

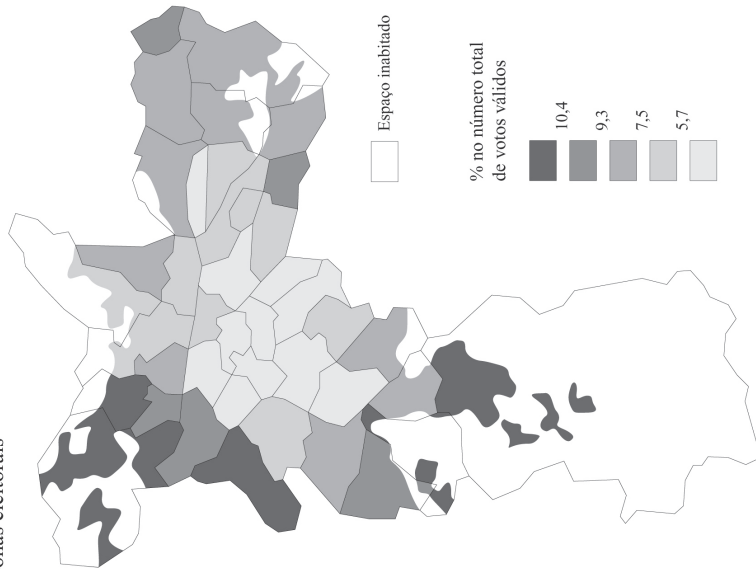
**Figura 41**

**Eleição para prefeito 1996 (Primeiro turno)**

**Francisco Rossi**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacobs, Dora Rodrigues Haes,  
Violette Brasileira, Philippe Wanez

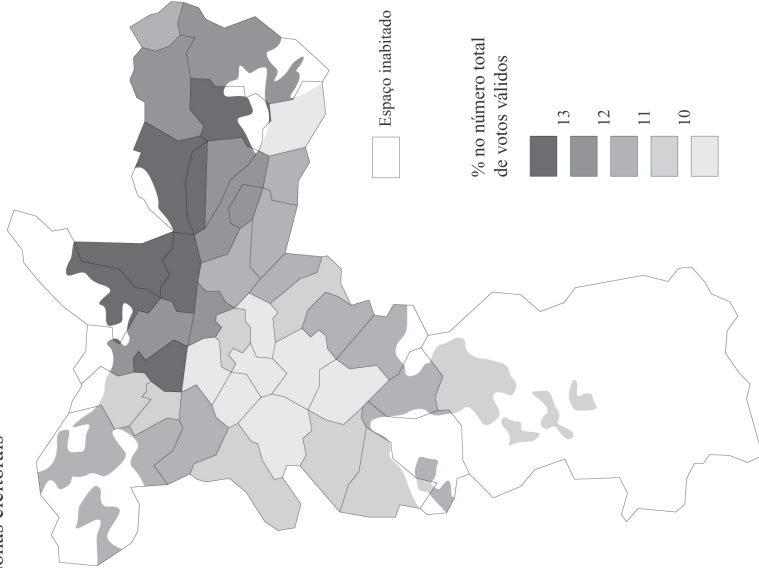
**Figura 42**

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Romeu Tuma**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacobs, Dora Rodrigues Haes,  
Violette Brasileira, Philippe Wanez

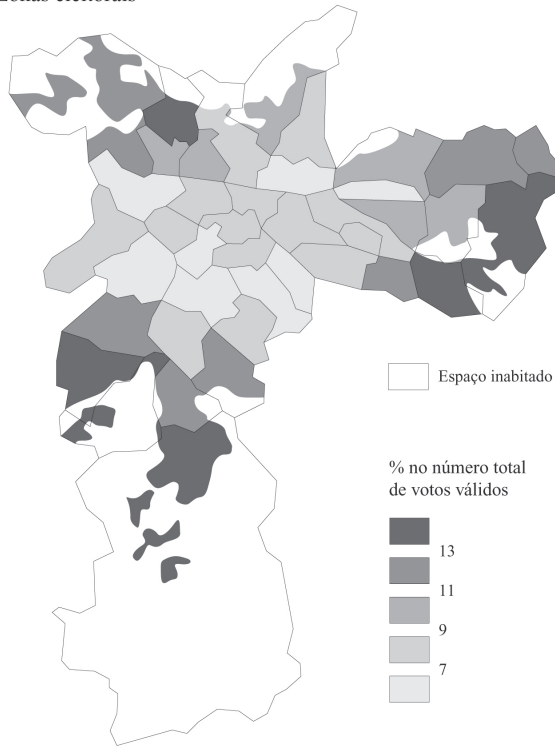
## Figura 43

**Eleição para prefeito 2000 (Primeiro turno)**

**Luiza Erundina**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



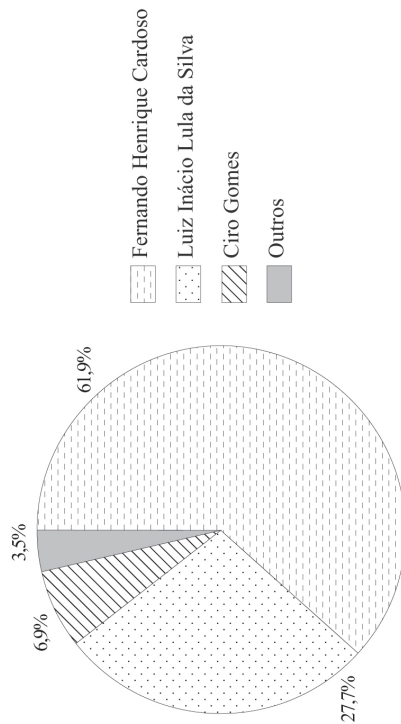
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 44**

**Eleição Presidencial - 1998**

Município de São Paulo  
Distribuição dos votos válidos



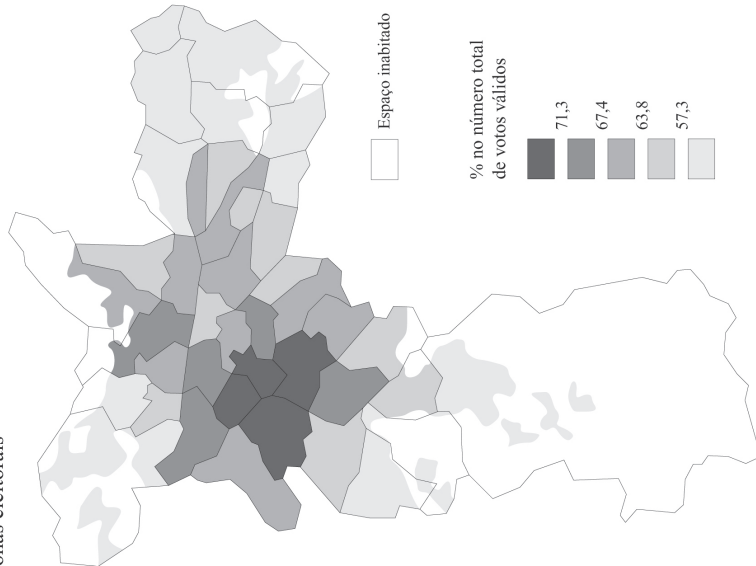
©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Bransteln, Philippe Wantiez

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

**Figura 45**

**Eleição presidencial 1998  
Fernando Henrique Cardoso**

Município de São Paulo  
Zonas eleitorais



©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Bransteln, Philippe Wantiez

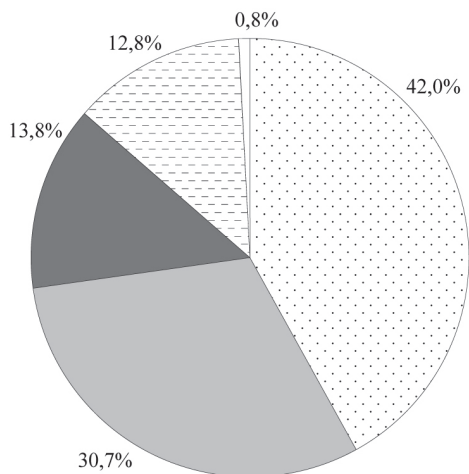
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

**Figura 46**

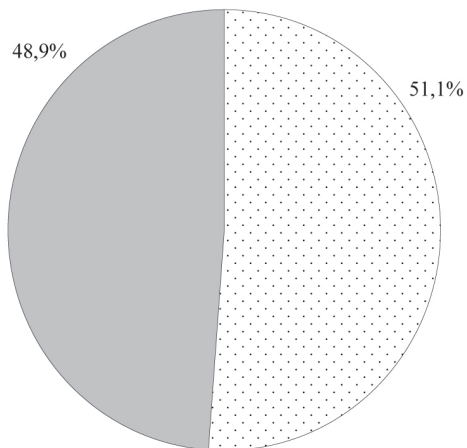
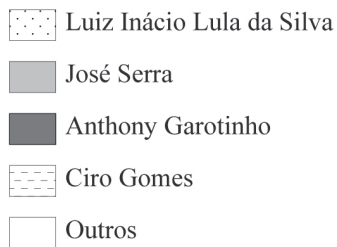
## Eleição Presidencial - 2002

Município de São Paulo

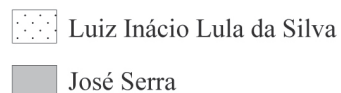
Distribuição dos votos válidos



### Primeiro turno



### Segundo turno



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez



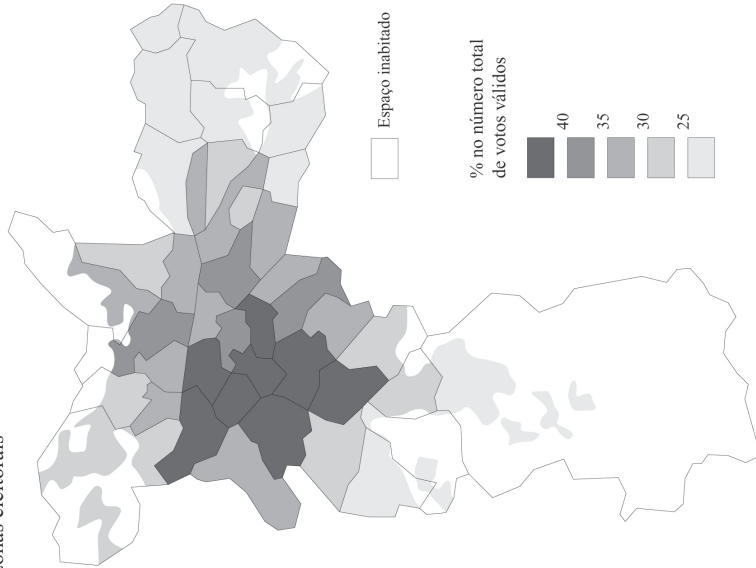
**Figura 47**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**José Serra**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Wanez

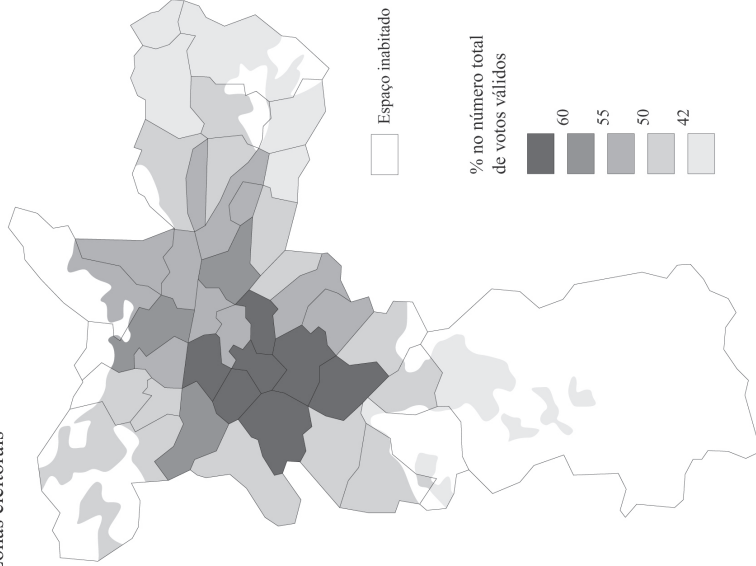
**Figura 48**

**Eleição presidencial 2002 (Segundo turno)**

**José Serra**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Wanez

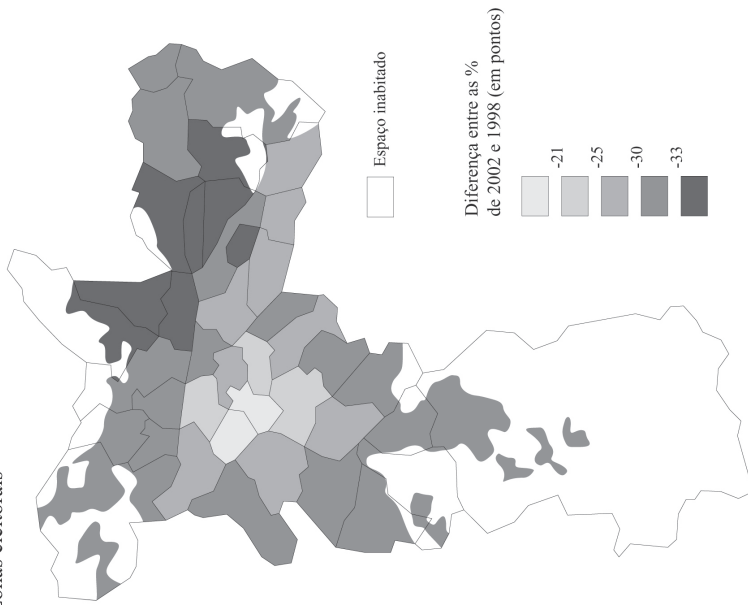
**Figura 49**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**José Serra**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violete Brasltein, Philippe Wantiez

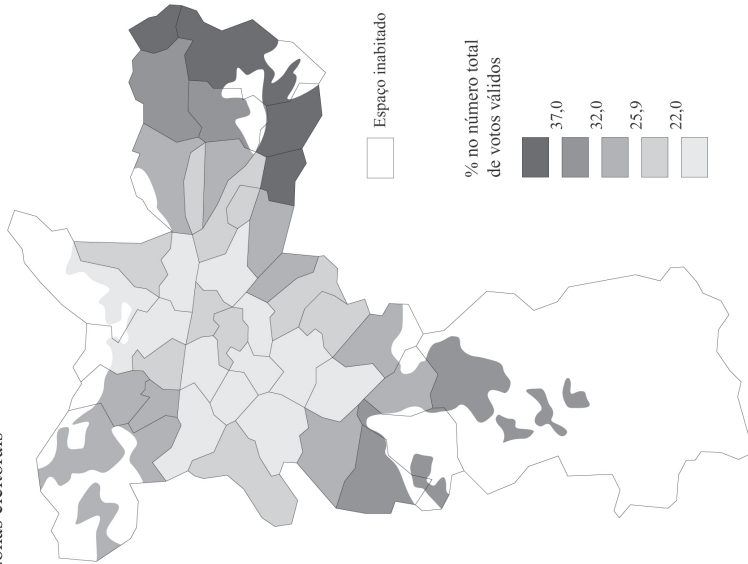
**Figura 50**

**Eleição presidencial 1998**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violete Brasltein, Philippe Wantiez

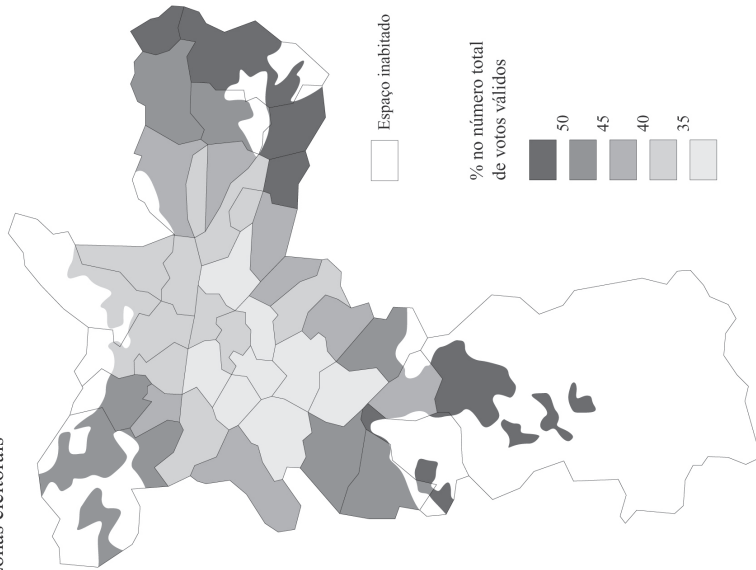
**Figura 51**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brasileira, Philippe Wanez

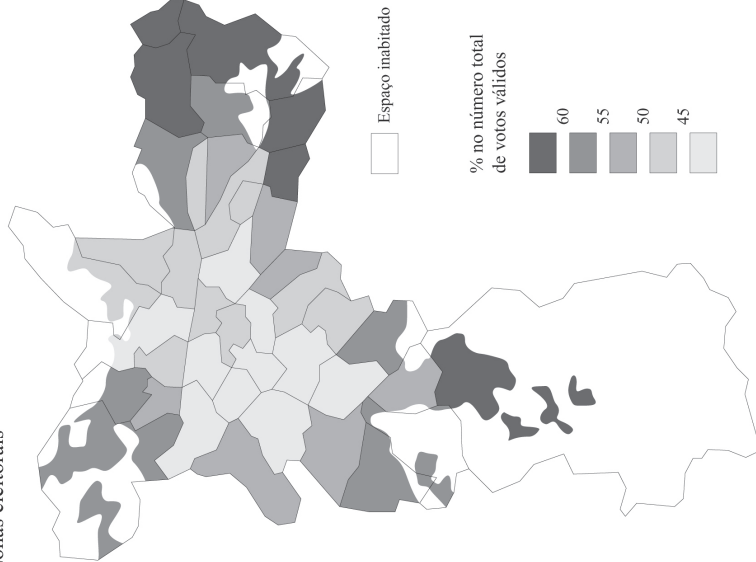
**Figura 52**

**Eleição presidencial 2002 (Segundo turno)**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brasileira, Philippe Wanez

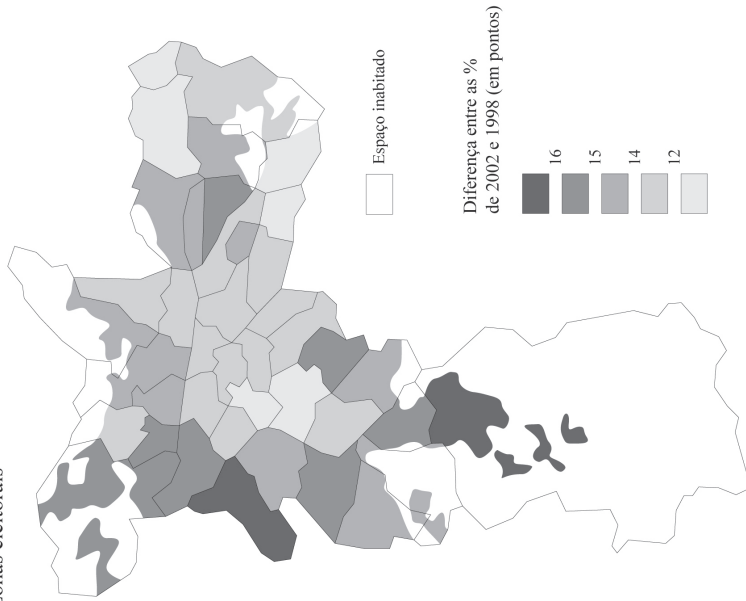
**Figura 53**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Luiz Inácio Lula da Silva**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violete Brustlein, Philippe Waitiz

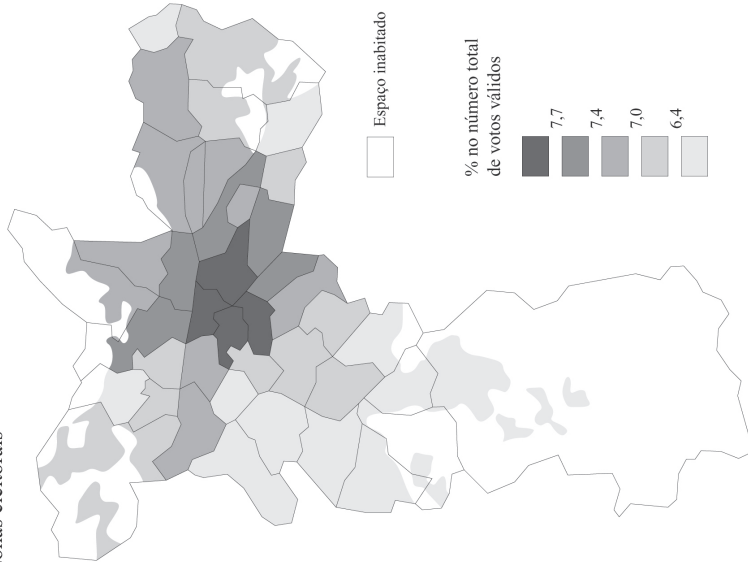
**Figura 54**

**Eleição presidencial 1998**

**Ciro Gomes**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violete Brustlein, Philippe Waitiz

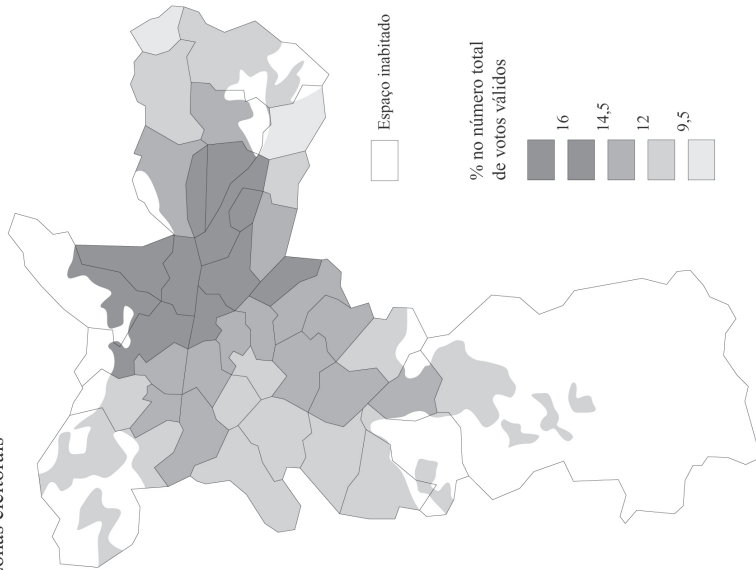
**Figura 55**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Ciro Gomes**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hess, Violette Brasileira, Philippe Waneiz

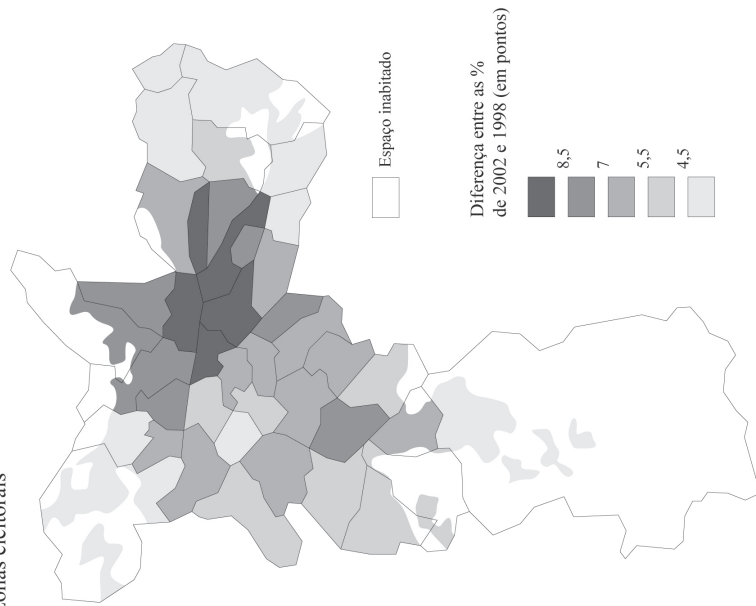
**Figura 56**

**Eleição presidencial 2002 (Primeiro turno)**

**Ciro Gomes**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais



Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hess, Violette Brasileira, Philippe Waneiz

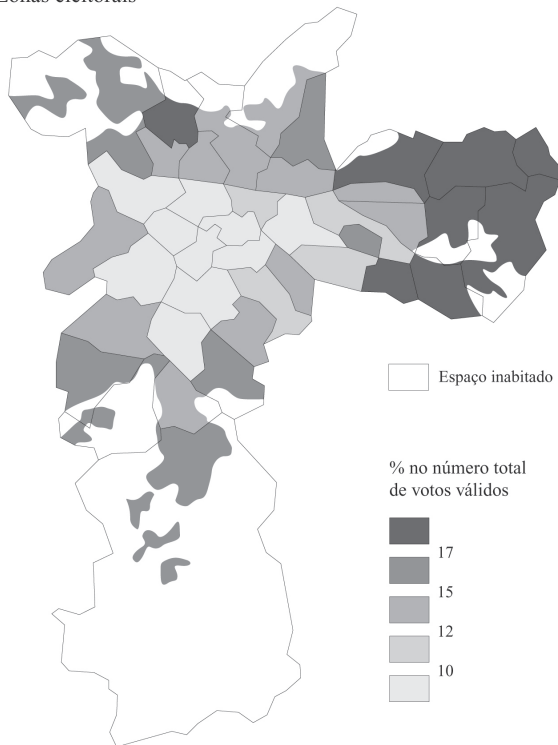
## Figura 57

**Eleição presidencial 2002** (Primeiro turno)

**Anthony Garotinho**

Município de São Paulo

Zonas eleitorais

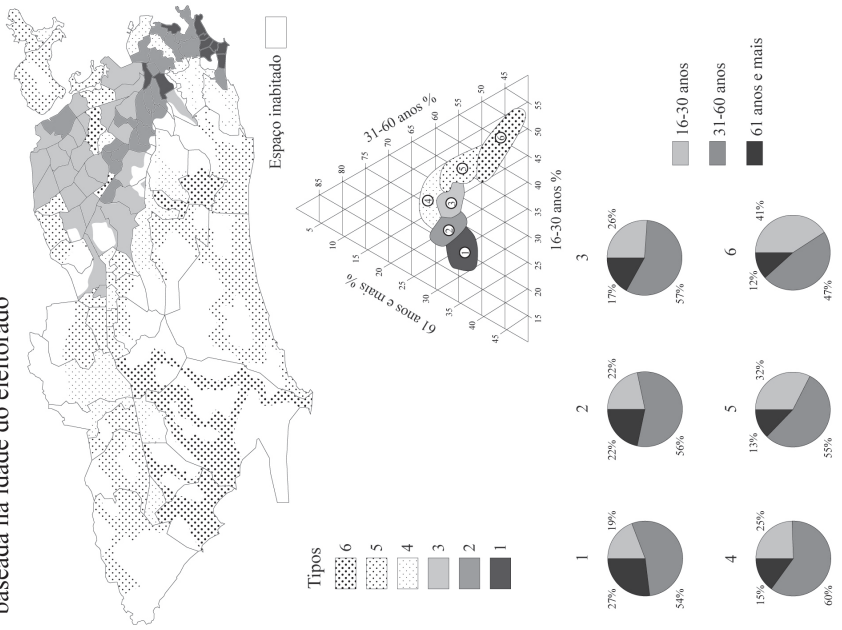


Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 58**

Tipologia das zonas eleitorais baseada na idade do eleitorado

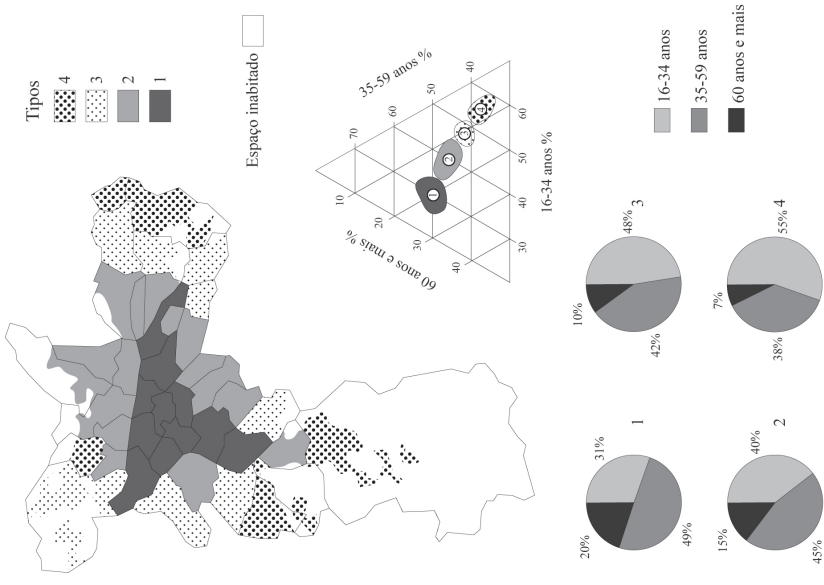


Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 1998

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 59**

Tipologia das zonas eleitorais baseada na idade do eleitorado



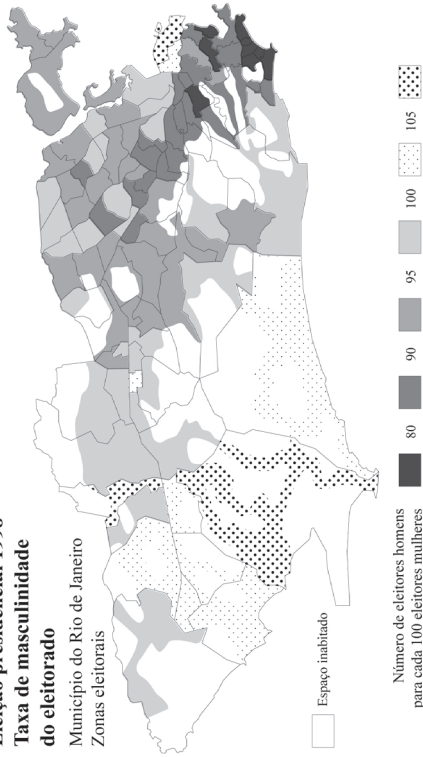
Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, 2004

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Haes, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 60**

**Eleição presidencial 1998  
Taxa de masculinidade  
do eleitorado**

Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais



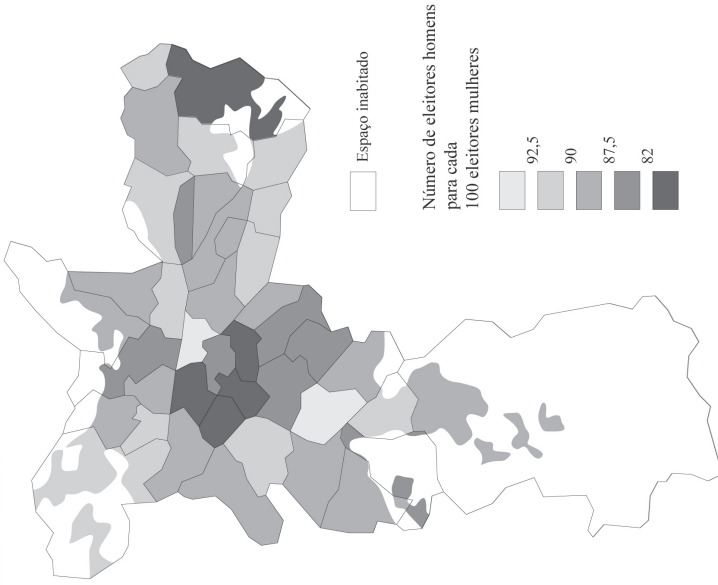
Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004Cesar Romero Jacob, Don Rodrigues Hess, Violette Brustlein, Philippe Wanitz

**Figura 61**

**Eleição presidencial 1998  
Taxa de masculinidade do eleitorado**

Município de São Paulo  
Zonas eleitorais

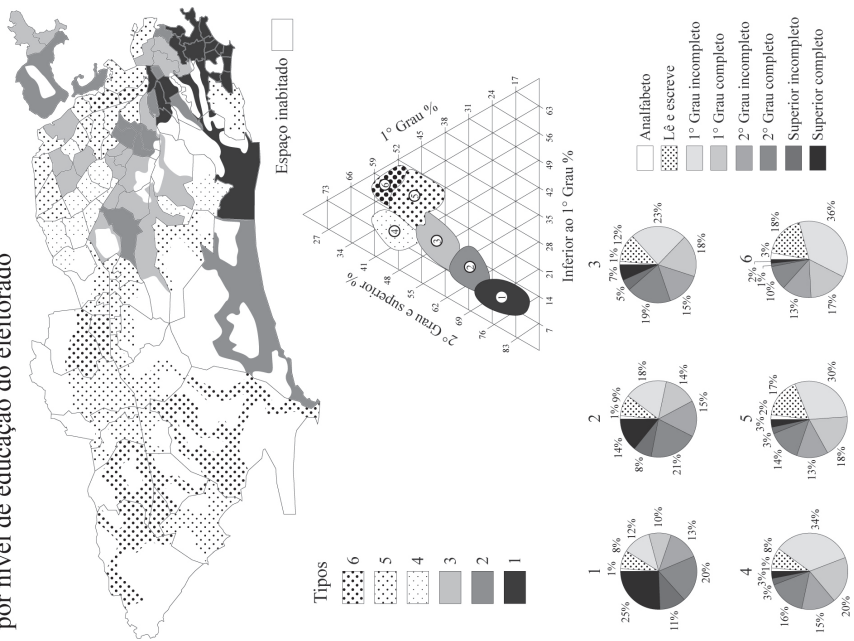


Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, 2004

©2004 Cesar Romero Jacob, Don Rodrigues Hess, Violette Brustlein, Philippe Wanitz



**Figura 62**  
Tipologia das zonas eleitorais  
por nível de educação do eleitorado

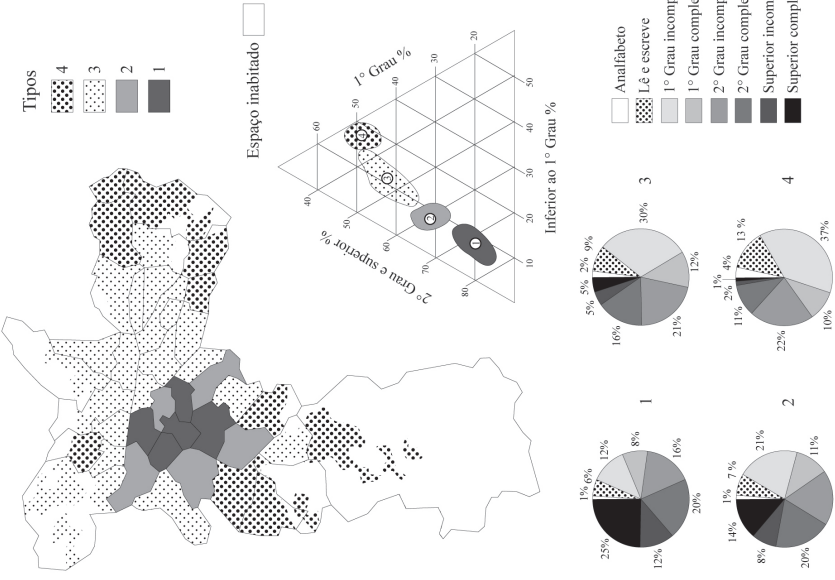


Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 1998

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hoes, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 63**

Tipologia das zonas eleitorais  
por nível de educação do eleitorado

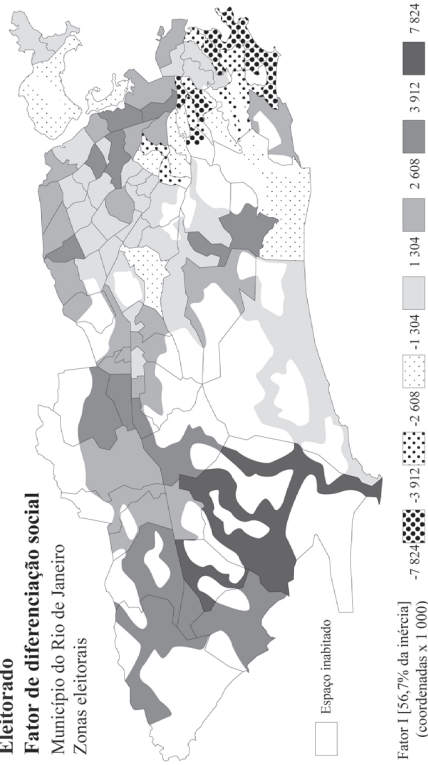


Fonte: Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, 2004

©2004 Cesar Romero Jacob, Deni Rodrigues Hoes, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 64**

**Eleitorado**  
**Fator de diferenciação social**  
Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais

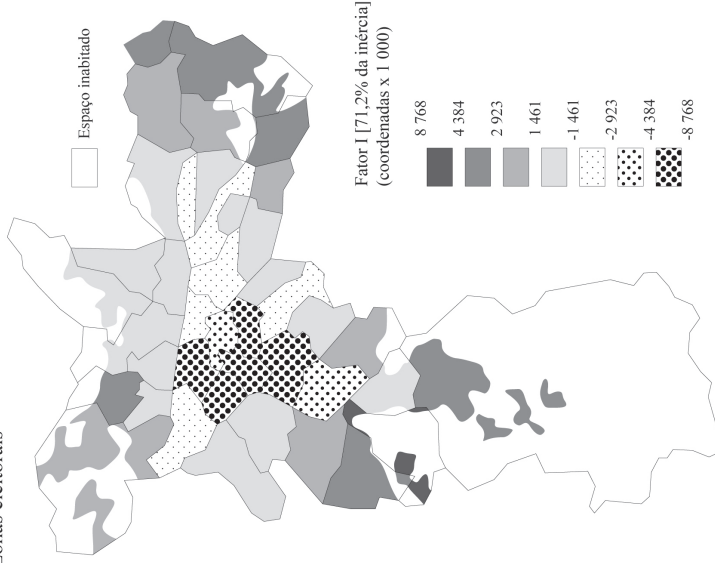


Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Bransteln, Philippe Wanier

**Figura 65**

**Eleitorado**  
**Fator de diferenciação social**  
Município de São Paulo  
Zonas eleitorais



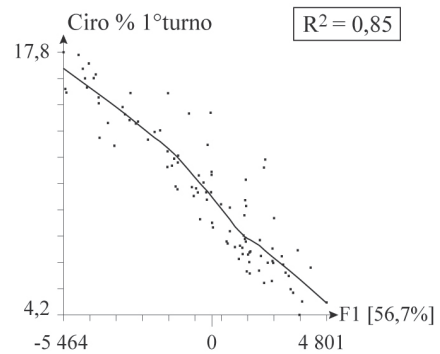
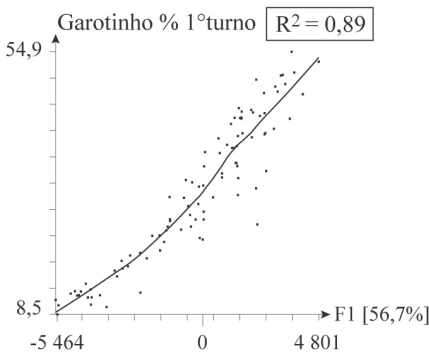
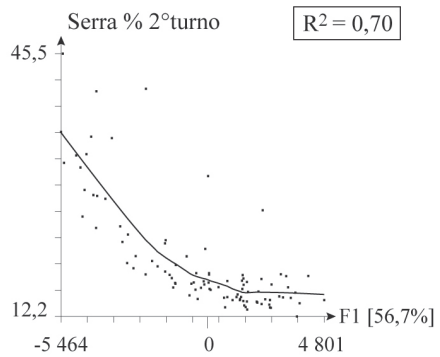
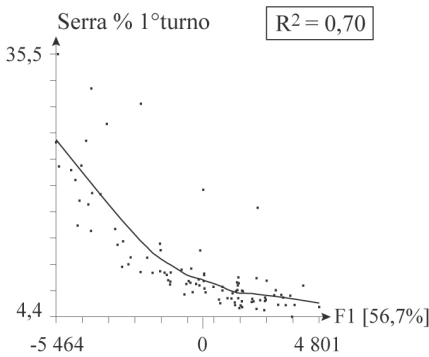
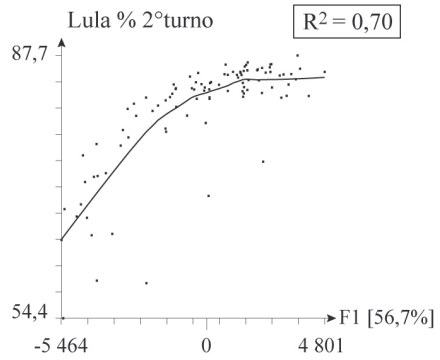
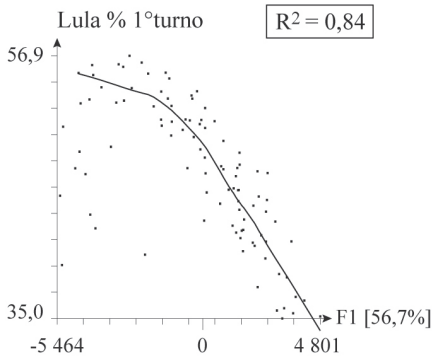
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Bransteln, Philippe Wanier

**Figura 66**

**Eleição presidencial 2002  
Voto e diferenciação social**

Município do Rio de Janeiro  
Zonas eleitorais



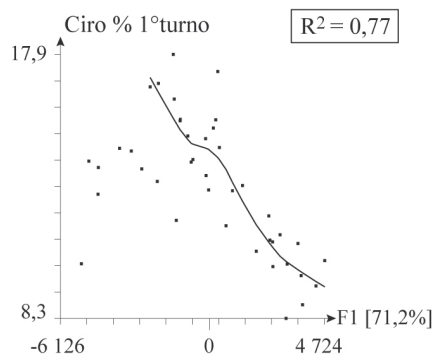
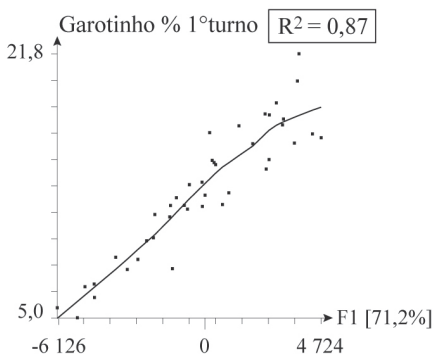
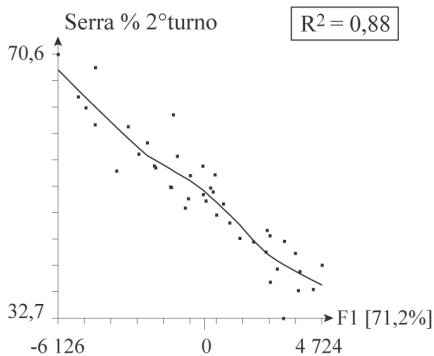
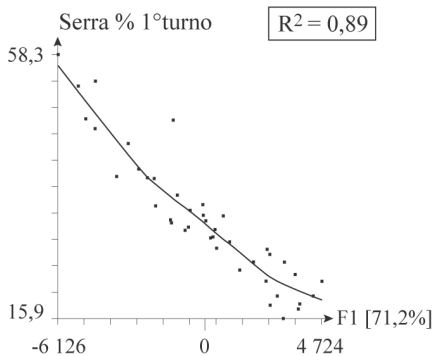
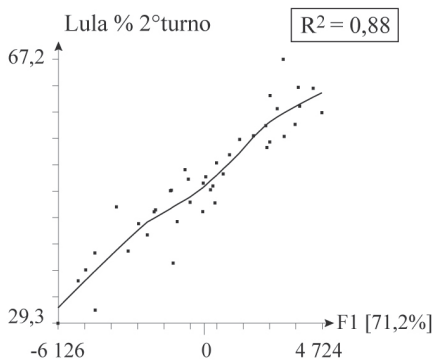
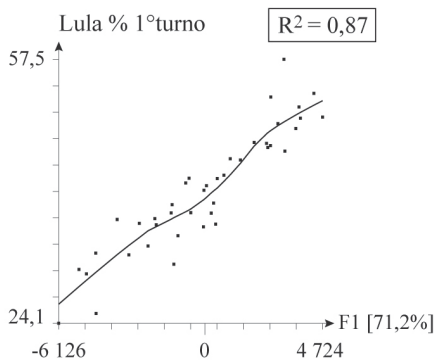
Fonte : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 67**

**Eleição presidencial 2002  
Voto e diferenciação social**

Município de São Paulo  
Zonas eleitorais

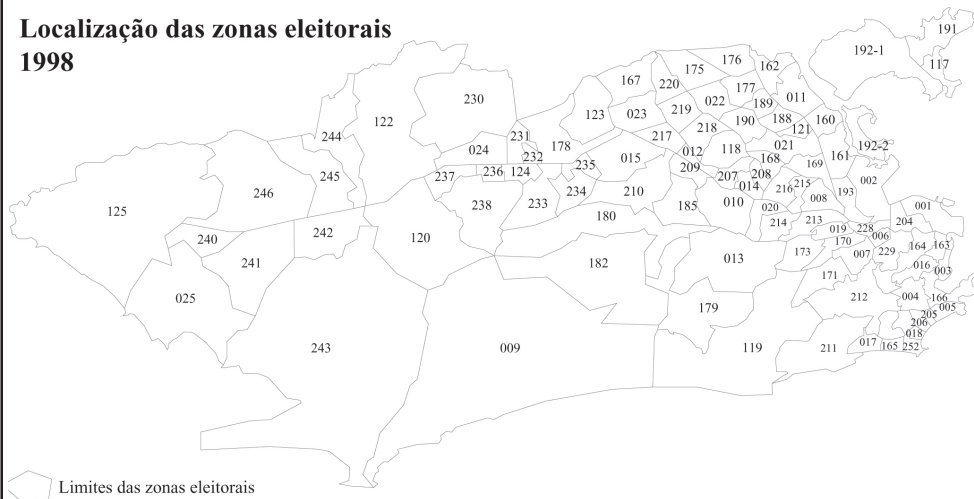


Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 68**

**Localização das zonas eleitorais  
1998**

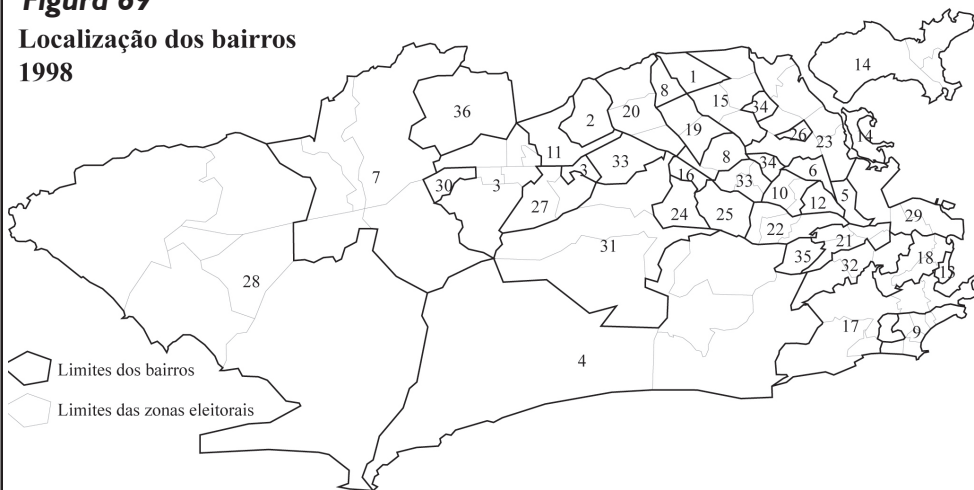


Fonte : Tribunal Regional Eleitoral  
do Rio de Janeiro

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 69**

**Localização dos bairros  
1998**

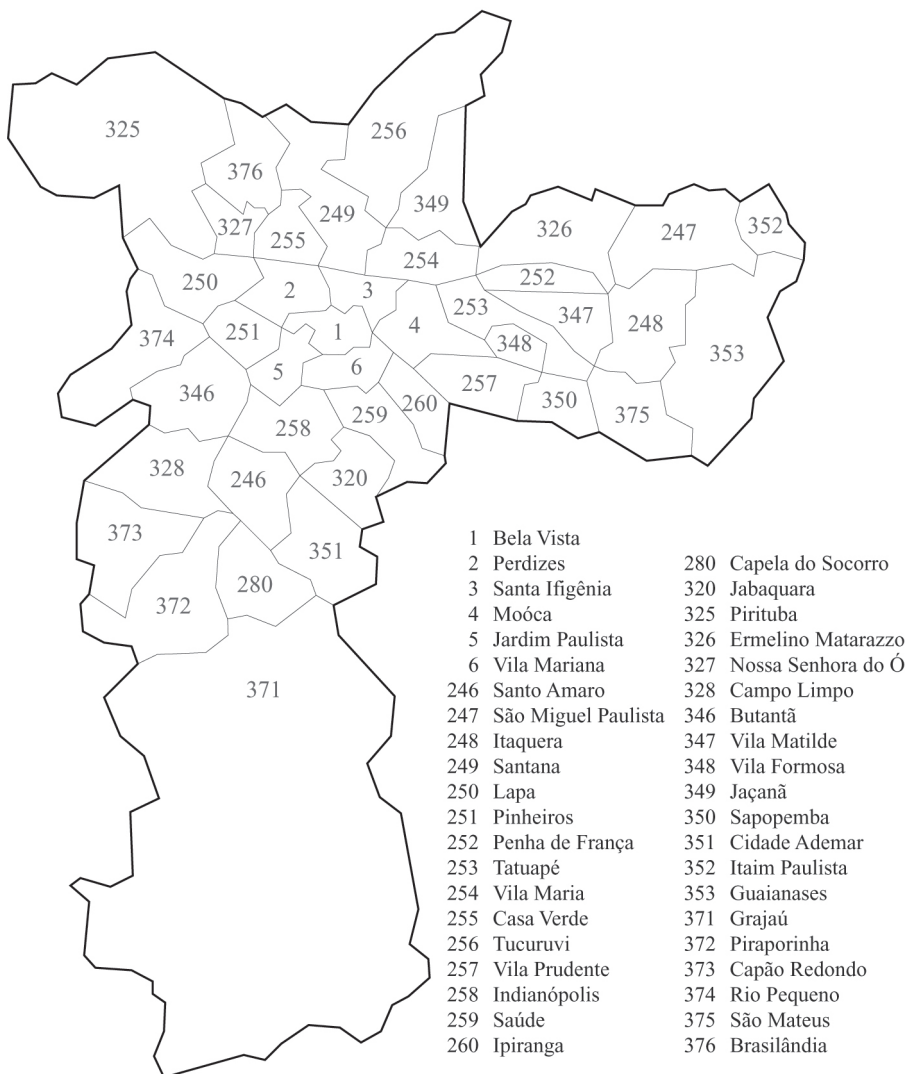


- |                   |                       |                |                    |
|-------------------|-----------------------|----------------|--------------------|
| 1 Acari           | 10 Del Castilho       | 19 Madureira   | 28 Santa Cruz      |
| 2 Anchieta        | 11 Deodoro            | 20 Mal. Hermes | 29 Saúde           |
| 3 Bangu           | 12 Eng.Novo           | 21 Maracanã    | 30 Senador Camará  |
| 4 Barra da Tijuca | 13 Flamengo           | 22 Méier       | 31 Tanque          |
| 5 Benfica         | 14 Ilha do Governador | 23 Olaria      | 32 Tijuca          |
| 6 Bonsucesso      | 15 Irajá              | 24 Praça Seca  | 33 Todos os Santos |
| 7 Campo Grande    | 16 Jacarepaguá        | 25 Piedade     | 34 Vila da Penha   |
| 8 Cascadura       | 17 Jardim Botânico    | 26 Ramos       | 35 Vila Isabel     |
| 9 Copacabana      | 18 Laranjeiras        | 27 Realengo    | 36 Vila Kennedy    |

Fonte : Tribunal Regional Eleitoral  
do Rio de Janeiro  
©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez

**Figura 70**

**Município de São Paulo  
Localização das zonas eleitorais  
1996**



Fonte : Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

©2004 Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees,  
Violette Brustlein, Philippe Waniez